

**Universidade de Évora**

**Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

**Relatório de Estágio**

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada por Carlos Manuel Marques Amador na EB 2,3 Conde de Vilalva e Escola Secundária André de Gouveia.**

**Orientadora:**

Clarinda Pomar

**Abril 2012**

**Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

**Relatório de Estágio**

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizada por Carlos Manuel Marques Amador na EB 2,3 Conde de Vilalva e Escola Secundária André de Gouveia.**

**Orientadora:**

Clarinda Pomar.

**Abril 2012**

**Índice**

**Agradecimentos** I

**Índice de Figuras** II

**Índice de Quadros** III

**Lista de Abreviaturas** IV

**Resumo** V

**Abstract** VI

1. **Introdução** 1
2. **A Educação Física no Currículo Escolar do Ensino Básico e**

**Secundário** 3

* 1. Objetivos da Educação Física 3
  2. Conhecimento do currículo 8

1. **Caracterização das Escolas e dos Alunos** 11
   1. Conhecimento dos alunos 11
   2. Caracterização das Escolas 16
2. **Dimensão de Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem** 19
   1. Conhecimento do conteúdo: Blocos e Etapas 19
   2. A Planificação 22
   3. A Condução do ensino 28
      1. Análise da Prática de Ensino 30
   4. A Avaliação 33
      1. Avaliação Inicial 34
      2. Avaliação Formativa 35
      3. Avaliação Sumativa 36
3. **Dimensão de Participação da Escola e Relação com a Comunidade** 40
4. **Dimensão do Desenvolvimento Profissional ao Longo da Vida** 46
5. **Conclusão** 49
6. **Bibliografia** 52
7. **Anexos** 54
   1. Anexo 1 – Plano de Aula 54
   2. Anexo 2 – Plano Anual de Turma 57
   3. Anexo 3 – Quadro Resumo de Avaliação Inicial 60
   4. Anexo 4 – Quadro Resumo de Avaliação Final 61
   5. Anexo 5 – Ficha de Avaliação Formativa 62

**Agradecimentos**

Durante toda a minha vida muitas foram as pessoas que contribuíram para a minha formação pessoal e profissional. Será difícil expressar a minha gratidão a todas elas, mas posso dizer que o meu crescimento teve a participação de pessoas excecionais que moldaram o meu crescimento.

Antes de agradecer a todos os que tornaram possível o trabalho que efetuei ao longo da PES, gostaria de deixar desde já os meus mais sentidos agradecimentos à minha família e em particular aos meus pais que me apoiaram em tudo o que podiam para que pudesse concluir este ciclo.

O trabalho que efetuei não seria possível realizar sem a excelente ajuda dos orientadores da Universidade de Évora, Dra. Clarinda Pomar e Professor António Monteiro, cujas ajudas nos bons momentos e sobretudo nos momentos mais difíceis, tornaram possível o meu crescimento a nível profissional ao longo do ano, ajudando a ultrapassar obstáculos e a fazer de mim um melhor professor.

Aos professores colaboradores das escolas em que estive inserido, com a sua vasta experiência na lecionação de aulas, o meu muito obrigado pela transmissão de conhecimentos e experiências que me foram bastante úteis ao longo do ano.

Não me poderei esquecer de agradecer aos colegas dos núcleos de estágio, em especial ao colega Pedro Safara com quem tive uma grande interação durante o ano, mas também os grupos de EF de cada escola e às próprias instituições escolares que me receberam da melhor maneira possível, juntamente com os seus professores que se mostraram sempre bastante acessíveis e simpáticos, a todos eles o meu obrigado pelo contributo prestado durante o ano letivo e por me ajudarem a crescer enquanto profissional.

**Índice de Figuras**

Figura 1: Cronograma do modelo de planeamento por etapas para o 11º ano 24

Figura 2: Cronograma das matérias lecionadas por período à turma do 6º ano 25

Gráfico 1: Parâmetro de avaliação da organização 42

Gráfico 2: Parâmetros de avaliação, relativamente, ao passeio de “BTT” 43

**Índice de Quadros**

Quadro 1: Composição curricular na EF 9

Quadro 2: Matérias lecionadas durante a intervenção na turma do 9ºano 14

Quadro 3: Resultados da avaliação inicial 6º ano 27

Quadro 4: Distribuição do número de aulas pelas matérias na turma do 11º ano 27

**Lista de Abreviaturas**

EBCV – Escola Básica Conde de Vilalva

EF – Educação Física

ESAG – Escola Secundária André de Gouveia

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PNEF’s – Programas Nacionais de Educação Física

NEE – Necessidades Educativas Especiais

**Resumo**

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado por Carlos Manuel Marques Amador, no Agrupamento de Escolas nº4 de Évora – EB 2,3 Conde de Vilalva e Escola Secundária André de Gouveia

O presente relatório surge como uma reflexão da Prática de Ensino Supervisionada, realizada ao longo do ano letivo de 2010/2011. A componente científica presente ao longo do relatório associada a uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido nas instituições escolares ajudam a fundamentar as decisões tomadas durante a PES. Ao longo deste relatório são destacadas várias temáticas, incontornáveis neste processo de ensino-aprendizagem, para que se possa perceber o trabalho efetuado durante o ano escolar: ensino de Educação Física, modelos de planeamento, características do ensino nas diferentes escolas, o ensino das diferentes matérias, avaliação, participação na escola e desenvolvimento profissional.

**Palavras-chave:** Educação Física; Prática de Ensino Supervisionada; Ensino Básico; Ensino Secundário.

**Abstract**

Report of Supervised Teaching Practice conducted by Carlos Manuel Marques Amador, in N4 vertical group of Conde Vilalva, Évora and André de Gouveia High School

This report is the result of a reflection to the Supervised Teaching Practice, held throughout the academic year of 2010/2011. The scientific component of the report in connection with a reflection on the work developed in schools helps to sustain the decisions made during the Supervised Teaching Practice. Throughout this report several topics of extreme importance to the teaching and learning process are highlighted in order to better understand and apprehend the work developed through the academic year: Physical Education teaching, planning models, characteristics of teaching in different schools, teaching of different sports, evaluating, participating in school and professional development.

**Keywords:** Physical Education; Supervised Teaching Practice; Basic Education; Secondary Education

1. **Introdução**

O relatório que a seguir se apresenta está inserido na Prática de Ensino Supervisionada (PES) do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade de Évora, feito na Escola Secundária André de Gouveia (ESAG) e Escola Básica Conde de Vilalva (EBCV), com intervenção na Escola Primária do Bacelo.

A PES define-se como uma unidade curricular que confere habilitação profissional para a docência nos ensinos básico e secundário. A PES obedece ao disposto no Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de fevereiro e constitui-se como uma componente de formação integradora da formação educacional geral, das didáticas específicas, da formação cultural, social e ética, da formação em metodologias de investigação educacional e da formação na área da docência.

A PES foi realizada em 2 ciclos de ensino durante toda a intervenção, o ensino secundário, num 11º ano da ESAG e o 2º ciclo, num 6º ano da EBCV, ambas em Évora. Durante a PES houve ainda intervenções pontuais no 1º ciclo, no 4º ano da Escola Primária do Bacelo e no 3º ciclo, 9º ano também na EBCV.

O departamento de pedagogia da Universidade de Évora foi o responsável por criar os núcleos de estágio, que no meu caso foi composto por três mestrandos na ESAG e dois mestrandos na EBCV, um professor cooperante em cada uma destas escola e um professor orientador da PES da Universidade de Évora.

Em conformidade com o calendário académico para os 2ºs ciclos de estudo, a PES iniciou-se apenas em outubro e não em setembro como as instituições escolares em que houve intervenção.

Os objetivos a alcançar com a PES, estão de acordo com o perfil geral de desempenho profissional dos professores dos ensinos básico e secundário (Decreto-Lei 240/2001, de 30 de agosto) que consideram 4 grandes dimensões profissionais: I – Dimensão profissional, social e ética; II – Dimensão do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; III – Dimensão da participação na escola e relação com a comunidade; IV – Dimensão do desenvolvimento profissional ao longo da vida.

Assim, a intervenção feita nas diferentes escolas teve uma base de trabalho igual, diferindo no entanto nas particularidades que cada escola apresentava. Na ESAG a intervenção foi feita utilizando o modelo de planeamento por etapas, enquanto na EBCV o trabalho foi efetuado tendo como base o modelo de planeamento por blocos, na turma acompanhada durante toda a intervenção.

O relatório apresentado segue uma estrutura lógica que permite a compreensão do trabalho efetuado ao longo da PES e um entendimento fácil da intervenção feita durante o mesmo período. O relatório terá um caráter descritivo, mas predominantemente reflexivo e com bases científicas que servem de suporte a decisões tomadas durante a PES.

A estrutura deste relatório começa por inserir a Educação Física (EF) no currículo, que deve ser conhecido por quem a leciona, seguindo-se a caracterização do espaço de ensino e das turmas trabalhadas durante a PES. A planificação, condução, análise e avaliação das aulas são pontos-chave da intervenção realizada e são analisadas enquanto parte integrante da Dimensão do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. Será também feita uma reflexão crítica à Dimensão da participação na escola e relação com a comunidade, que analisa o envolvimento para com as instituições escolares onde me inseri, bem como foca a sua atenção nas atividades desenvolvidas pelo núcleo de estágio e naquelas onde me inseri como colaborador. Por fim será feita uma reflexão considerando os aspetos da Dimensão do desenvolvimento profissional ao longo da vida, em que se poderá perceber os ganhos obtidos durante o ano letivo, a evolução de competências que permitem a um professor estar preparado para as suas funções enquanto agente de ensino.

1. **A Educação Física no Currículo Escolar do Ensino Básico e Secundário**

O professor de EF apenas poderá realizar as suas funções como docente se possuir um domínio claro dos conhecimentos da sua área. Apenas um professor com conhecimento do currículo e objetivos da disciplina, integrado na instituição de ensino e familiarizado com os seus alunos poderá transmitir corretamente os conteúdos e conhecimentos da disciplina.

Neste capítulo serão abordadas as preparações feitas no início da lecionação das aulas e início da PES. O capítulo encontra-se dividido em 3 subcapítulos que ajudam na compreensão do trabalho efetuado e na preparação do processo de ensino-aprendizagem.

* 1. **Objetivos da Educação Física**

Para que se possa perceber os objetivos da EF, poderá ser necessário decompor estes por ciclos de estudo. Deste modo os Programas Nacionais de Educação Física (PNEF´s) serão abordados por níveis crescentes de ensino, começando do 1º ciclo e terminando no ensino secundário.

*1º Ciclo*

O programa para o 1º ciclo do ensino básico no ano letivo de 2010/2011 designa-se Programa de Expressão e Educação Físico-Motora. Este programa é uma referência para o desenvolvimento global e motor do aluno, apresentando os principais objetivos que o aluno deverá trabalhar para um bom desenvolvimento físico-motor.

Como se sabe, os períodos críticos de aprendizagens motoras são situados numa tenra idade, assim, é determinante a correta estimulação das capacidades motoras das crianças, caso contrário estas podem ficar com carências a nível psicomotor. “Por outro lado, o desenvolvimento físico da criança atinge estádios qualitativos que precedem o desenvolvimento cognitivo e social. Assim, a atividade física educativa oferece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstrações e operações cognitivas inscritas nos Programas doutras Áreas preparando os alunos para a sua abordagem ou aplicação. Estas evidências justificam a importância crucial desta Área, no 1º ciclo, como componente inalienável da Educação” Departamento da Educação Básica, (2010).

É com base nestes pressupostos que os programas de 1º ciclo foram criados, juntamente com os objetivos neles inseridos para esta faixa etária. Assim os objetivos gerais comuns a todos os blocos, pelos quais os professores de EF de 1º ciclo se devem guiar são: “1. Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas; 2. Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas de turma, bem como os princípios da cordialidade e respeito na relação com os colegas e o professor; 3. Participar com empenho no aperfeiçoamento da sua habilidade nos diferentes tipos de atividades, procurando realizar as ações adequadas com correção e oportunidade.” Departamento da Educação Básica, (2010).

Após verificados os objetivos gerais, pode-se abordar os programas específicos, que apresentam 7 blocos de aprendizagem, assim temos: Bloco 1 – Perícia e manipulação; Bloco 2 – Deslocamentos e equilíbrios; Bloco 3 – Ginástica; Bloco 4 – Jogos; Bloco 5 – Patinagem; Bloco 6 – Atividades rítmicas expressivas (Dança); Bloco 7 – Percursos na natureza. Como programa opcional existe ainda o Bloco 8 – Natação, que depende claro das possibilidades de cada escola.

Estes blocos devem ser explorados pelo professor da melhor maneira, de forma a transmitir conteúdos de todos os blocos e abordar a maioria dos pontos previstos para cada ano de escolaridade.

*2º Ciclo*

Os PNEF’s de 2º ciclo expressam uma organização bastante diferente dos PNEF’s de 1º ciclo. Os programas estabelecem 3 grandes áreas que devem ser trabalhadas, neste ciclo e ciclos seguintes, a área das atividades físicas, a área dos conhecimentos e a área da aptidão física.

No 2º ciclo a multiplicidade de matérias aumenta, diferindo os objetivos do 1º ciclo, mas também, entre anos, existem até diferentes PNEF’s, um para o 5º ano e outro para o 6º ano de escolaridade, diferindo apenas no bloco dos jogos, que existe no 5º ano de escolaridade mas não no 6º ano.

No caso do 6º ano, a turma a que lecionei aulas, através da análise dos PNEF’s, pode-se constatar que as únicas matérias que não foram abordadas, na área das atividades físicas foram: a ginástica rítmica, futebol e a patinagem. As decisões para tal assentam na falta de material, no caso da patinagem, e pela atribuição de mais aulas às modalidades da ginástica que foram lecionadas. No caso do futebol, como esta matéria não estava prevista no projeto de escola, foi respeitado este projeto e esta matéria não foi lecionada. Outras modalidades, não previstas no PNEF de 6º ano mas presentes no projeto de escola, foram abordadas, como é o caso do basquetebol, andebol, raquetes e orientação, em todos os casos por estas matérias se encontrarem previstas no projeto de escola e por decisão do professor cooperante de escola. Ainda assim estas matérias estão referidas na composição curricular da EF para o 2º ciclo e podem ser abordadas sempre que seja conveniente para o domínio dos conteúdos por parte dos alunos. Também na área dos conhecimentos e área da aptidão física foram trabalhados os objetivos para o ciclo e ano de estudos.

*3º Ciclo*

No 3º ciclo do ensino básico, a estrutura do PNEF é bastante semelhante e tem o mesmo formato do 2º ciclo, possuindo 3 grandes áreas, atividades físicas, aptidão física e área dos conhecimentos. Cada uma com objetivos específicos a alcançar pelos alunos. Existe, no entanto, uma diferença entre os programas orientadores, para o 2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário, os PNEF distinguem dois tipos de matérias, as matérias nucleares e as matérias alternativas. As matérias nucleares dizem respeito às matérias comuns a todas as escolas, enquanto as matérias alternativas são adotadas localmente, pelo grupo de EF ou cada escola individualmente. Tanto as matérias nucleares como as matérias alternativas possuem 4 grupos principais de atividades, estas diferem nas atividades dentro de cada grupo: 1. Atividades Físicas Desportivas; 2. Atividades Rítmicas Expressivas; 3. Jogos Tradicionais e Populares; 4. Atividades de Exploração da Natureza.

Como referido no PNEF do 3º Ciclo do Ensino Básico (2001, pág. 5), as competências comuns a todas as áreas são as seguintes: *“*Participar ativamente em todas as situações e procurar o êxito pessoal e do grupo; Analisar e interpretar a realização das atividades físicas selecionadas, aplicando os conhecimentos sobre técnica, organização e participação, ética desportiva, etc.; Interpretar critica e corretamente os acontecimentos na esfera da cultura física, compreendendo as atividades físicas e as condições da prática e aperfeiçoamento como elementos de elevação cultural dos praticantes e da comunidade em geral; identificar e interpretar os fenómenos da industrialização, urbanismo e poluição como fatores limitativos da aptidão física das populações e das possibilidades de prática das modalidades da cultura física; Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas gerais, particularmente, da resistência geral, de longa e média duração, da força resistente, da força rápida, da velocidade de reação simples e complexa, de execução, de deslocamento e de resistência, das destrezas geral e específica; Conhecer e aplicar diversos processos de elevação e manutenção de condição física de uma forma autónoma no seu quotidiano; Conhecer e interpretar fatores de saúde e risco associados à prática das atividades físicas e aplicar regras de higiene e de segurança.”

Na intervenção feita junto da turma do 9º ano, 3º ciclo, apenas algumas das atividades foram abordadas, como se pode verificar mais à frente no Quadro 1, no subcapítulo 2.2. Caracterização das escolas e dos alunos. O planeamento das aulas da turma para o ano letivo, foi realizado pelo colega de estágio Pedro Safara, logo, durante a intervenção não participei na realização de um plano de turma para o conjunto de aulas em que iria intervir, visto que obviamente este já se encontrava planeado. Coube-me intervir, de forma crescente, nas matérias coletivas de Voleibol, Andebol, Futebol, Basquetebol e nas matérias individuais de Ginástica acrobática, de solo e de aparelhos, Badmínton e Aeróbica.

*Ensino Secundário*

*“*O PNEF apresenta uma estrutura coerente, mas diferenciada de organização (em sentido vertical) do curso de Educação Física (1º a 12º anos). Assim, desenha-se um bloco estratégico, do 5º ao 9º ano. É neste bloco que se estabelece o tratamento das matérias na sua forma característica, na sequência das atividades e conquistas realizadas no 1º ciclo. Além disso, é aqui que se garante o tratamento do conjunto de matérias de EF (toda a extensão), antecipando o modelo flexível, de opções dos alunos ou da turma, preconizado para o ensino secundário” (Departamento do ensino básico, 3º ciclo. 2001, pág. 10).

Segundo a citação, pode-se verificar que os objetivos para o ensino secundário diferem ligeiramente daqueles para o ensino básico, isto é, nos 11º e 12º anos do ensino secundário os alunos podem, dentro de algumas condicionantes, escolher as matérias a abordar ao longo do ano, constituindo-se estas como as matérias em que serão avaliados.

O documento orientador do ensino secundário designa-se Programa de Educação Física 10º, 11º e 12º anos de Cursos Gerais e Cursos Técnológicos. Neste programa pode-se encontrar as orientações necessárias para definir os programas para os anos do ensino secundário. Assim o 10º ano pode-se definir como um ano de revisão de conteúdos aprendidos no 3º ciclo do ensino básico, que permite completar aprendizagens ou colmatar as lacunas em certas matérias de menos domínio. No 11º e 12º ano os alunos podem decidir entre as matérias que pretendem abordar e ser avaliados ao longo do ano, como expresso no PNEF do Ensino Secundário (2001. Pág.16,17) “Considera-se que no 10º ano interessa consolidar e, eventualmente, completar a formação diversificada do ensino básico”. No entanto “No 11º e 12º anos, admite-se um regime de opções no seio da escola, entre as turmas do mesmo horário, de modo que cada aluno possa aperfeiçoar-se na nas seguintes matérias (conforme os objetivos gerais): duas de Jogos Desportivos Coletivos, uma da Ginástica ou uma do atletismo, Dança e duas das restantes.”

Desta forma os alunos da turma de secundário da ESAG puderam escolher individualmente as matérias em que desejavam ser avaliados, aquelas que pretendiam abordar ao longo do ano, visto esta ser uma turma de 11ºano, logo, com poder de decisão sobre a escolha das matérias. As escolhas efetuadas recaíram sobre uma grande diversidade de matérias e cada aluno pode escolher independentemente da escolha dos colegas, as matérias a que seria avaliado, sendo assim abordados: nos jogos desportivos coletivos – voleibol, futebol, basquetebol e andebol; Ginástica de solo, Ginástica de aparelhos e Atletismo; Danças: Latino-Americanas e Modernas; nas restantes – Râguebi, Corfebol, Orientação e Judo.

* 1. **Conhecimento do currículo**

O conhecimento dos Programas Nacionais de Educação Física revela-se fundamental para a lecionação da disciplina. Elaborar um plano anual para a turma torna-se algo que tem como imprescindível a consulta e revisão dos PNEF’s para a elaboração do mesmo. Assim foi feita uma análise cuidada e rigorosa aos PNEF’s de todos os ciclos de ensino, desde o 1º ciclo do ensino básico até ao ensino secundário, de modo a poder conhecer os programas que seriam trabalhados.

Segundo o referido no PNEFdo 10º, 11º, e 12º Anos (2001): “Reconhece-se, assim, ao professor, a responsabilidade de escolher os objetivos específicos e as soluções pedagógicas e metodologicamente mais adequadas, investindo as competências profissionais da especialidade de Educação Física Escolar, para que os benefícios reais da atividade do aluno correspondam aos objetivos do programa, utilizando os meios atribuídos para esse efeito”.

A escolha feita dos diferentes objetivos para os alunos depende dos níveis e ciclos de ensino de cada turma, dando a possibilidade de adquirir competências mais básicas aos ciclos de ensino mais novos e competências mais avançadas aos ciclos de ensino mais velhos.

De acordo com o referido no PNEF do 3º Ciclo do Ensino Básico (2001):“Estes programas apresentam, pois, a forma de listas de competências, situadas nas divisões temporais do ensino básico (cada um dos três ciclos, cada um dos nove anos de curso), bem como os processos que permitem realizar os objetivos – incluem-se nas orientações metodológicas os princípios e regras gerais a observar na organização da atividade educativa nas aulas de Educação Física”. No entanto este documento refere ainda que: “Estes programas não substituem a capacidade de deliberação pedagógica do professor, quer no que respeita à seleção, organização e aplicação dos processos formativos, quer na periodização dos objetivos em cada ano e até na definição dos níveis de exigência na realização desses objetivos”.

O conhecimento profundo dos PNEF’s e das competências inerentes aos mesmos, juntamente com a deliberação do professor dos processos formativos e objetivos para o ano parecem ser assim a forma correta de abordar a disciplina de EF enquanto forma de organizar o trabalho para o ano letivo.

A diferenciação nos ciclos de ensino torna-se fundamental para a correta aprendizagem na EF, começando no 1º ciclo e aumentando a complexidade até ao ensino secundário, os alunos ganham bases para usar nas aprendizagens seguintes. Os programas apresentam desta forma uma estrutura coerente e que permite a progressão nas aprendizagens, como demonstrado no quadro 1.

Quadro 1: Composição curricular em EF



“O conteúdo de cada uma das matérias encontra-se especificado em três níveis:

1) Introdução – onde se incluíram as habilidades, técnicas e com conhecimentos que representam a aptidão específica ou preparação de base (fundamentos);

2) Elementar – nível onde se discriminam os conteúdos constituintes do domínio (mestria) da matéria nos seus elementos principais e já com caracter mais formal, relativamente à modalidade da cultura física a que se referem;

3) Avançado – que estabelece os conteúdos e formas de participação nas atividades típicas da matéria, correspondentes ao nível superior que poderá ser atingido no quadro da disciplina da educação física (por isso mesmo, este nível surge como programa alternativo no todo ou em parte”. (Departamento do Ensino Básico. 2001, pág. 6).

Em cada nível poderão ser especificados subníveis, de modo a garantir a colocação do aluno no patamar de aprendizagem, ou nível correto, conforme este se encontre com domínio de alguns ou de todos os conteúdos da matéria.

1. **Caracterização das Escolas e dos Alunos**

Ao entrar numa escola, para além do conhecimento adquirido acerca dos objetivos e finalidades da EF, currículos e conteúdos da disciplina, torna-se fundamental o conhecimento da instituição escolar. Alunos e turmas, espaço físico, instalações, colegas e trabalhadores da escola, todos os intervenientes no espaço escolar, de modo a que seja feita uma rápida integração e que esta tenha o sucesso que permita uma rápida lecionação de aulas nas melhores condições.

A integração na escola e turmas foi um dos primeiros passos para a posterior lecionação de aulas como professor e agente de ensino. Aos poucos e com integração progressiva fui ganhando a confiança dos alunos, que já não estranhavam a minha presença na sala de aula e dos professores orientadores que passaram a dar-me a confiança para dirigir as aulas o tempo inteiro.

As caracterizações de Escolas e de Turmas, feitas a partir do início do ano, em cada instituição escolar e em cada turma em que iria intervir, ajudaram bastante no conhecimento geral e nos pontos essenciais que deveria saber acerca das escolas e dos alunos. As caracterizações efetuadas, juntamente com a observação de aulas antes de começar a intervir efetivamente, ajudaram-me a identificar problemas e virtudes das escolas, “líderes” e alunos com maiores dificuldades, bem como os alunos que se sentiam melhor na disciplina, conflitos e grupos dentro de uma turma. Tudo isto ajudou posteriormente no trabalho efetuado durante as aulas.

As caracterizações de turmas e escolas serão feitas neste capítulo por ordem crescente de ciclos de ensino, assim a começar no 1º ciclo do ensino básico e a terminar no ensino secundário.

* 1. **Conhecimento dos alunos**

*Escola EB1/JI do Bacelo*

4º Ano

A turma a que lecionei aulas na intervenção no 1º ciclo, foi a turma do 4ºA da Escola EB1/JI do Bacelo. Esta turma era composta por 24 alunos, 11 rapazes e 13 raparigas, não existindo nenhum aluno na turma com necessidades educativas especiais (NEE).

Os alunos frequentavam algumas atividades extra curriculares, entre as quais Atividade Física e Desportiva. Para além disso, 16 alunos praticavam desporto fora da escola, 8 em desportos aquáticos, 5 em desportos individuais e 3 alunos em desportos coletivos. Assim, a maior parte dos alunos possuía vivências motoras favoráveis a uma boa disponibilidade motora.

Em termos de comportamento, esta apresentou-se como uma turma fácil de trabalhar, algo irrequieta mas logo voltando aos comportamentos corretos quando chamados à atenção, uma turma em que apenas por vezes existiram situações de comportamentos de desvio. Mesmo sendo uma turma algo numerosa, tanto nas aulas desenvolvidas em espaço maior, ao ar livre, como nas aulas desenvolvidas no espaço interior, mais pequeno, logo com maior facilidade nas interações imediatas entre colegas, a turma demonstrou no cômputo geral, um comportamento bom. No contacto com a turma, existiu contudo a preocupação de criar desde logo regras que deveriam ser sempre respeitadas para que o clima da aula fosse positivo, regras que os alunos aceitaram e assimilaram com facilidade.

*Escola Básica Conde de Vilalva*

6º Ano

O conhecimento desta turma, a que lecionei durante toda a PES, foi feito gradualmente, à medida que a confiança dos alunos foi sendo ganha, através da habituação dos mesmos à minha presença durante as aulas e ao mesmo tempo com a crescente interação que começou a existir entre mim e os alunos.

A turma era inicialmente composta por 22 alunos, no entanto, 2 alunos saíram da mesma logo no início do ano letivo e um aluno integrou a turma transferido de outra escola no final do 1º período. Assim a turma ficou composta por 21 alunos, 12 rapazes e 9 raparigas, existindo na turma o caso de 2 alunos com NEE, uma aluna com Trissomia 21 e um aluno com Hiperatividade, existindo ainda na turma um aluno com hipotonicidade e um outro aluno com indícios de hiperatividade, mas que não careciam de atenção redobrada, nem foram considerados alunos com NEE. A grande maioria da turma já se conhecia e transitou em conjunto do ano anterior na mesma escola e apenas 2 alunos da turma ficaram retidos do ano anterior.

Em termos motores gerais, a turma apresentou índices algo heterogéneos, com alguns alunos a apresentarem dificuldades em termos do seu reportório motor enquanto outros demonstraram claramente um domínio das capacidades motoras. O interesse na disciplina facilitou as aulas, no entanto, a falta de concentração dos alunos pareceu posteriormente ser uma das causas para que as aulas não decorressem por vezes da maneira desejada. Em termos de comportamento e no geral, esta turma foi sempre algo problemática, acontecendo várias situações de indisciplina ao longo do ano. O mau comportamento de alguns dos elementos da turma pareceu ser a causa chave do comportamento no geral, visto que alguns alunos arrastavam os restantes para comportamentos de indisciplina. Este foi o principal problema com que me deparei ao longo de todo o ano nesta turma, não se pode ainda assim dizer que os alunos tiveram alguma vez falta de respeito para comigo, mas sim entre eles. Ainda assim, e em conjunto com o professor orientador de escola, foram definidas algumas estratégias para corrigir os comportamentos de indisciplina da turma, que passaram sobretudo pela utilização de regras, introduzir novas regras na turma, que os alunos sabiam que não poderiam quebrar, caso contrário seriam castigados. Após algumas tentativas de controlar a indisciplina dos alunos, a utilização das regras juntamente com rotinas bem vincadas, começaram por fim a fazer efeito e o comportamento dos alunos melhorou substancialmente.

*Escola Básica Conde de Vilalva*

9º Ano

A intervenção junto desta turma começou por ser feita através da observação de algumas aulas, lecionadas pelo colega do núcleo de estágio, dando a oportunidade de me dar a conhecer aos alunos e de estes se adaptarem à minha presença durante as suas aulas. Visto que foi uma turma em que apenas efetuei intervenção durante uma parte do ano letivo, a seguir às aulas de observação apenas lecionei 8 sessões, 3 sessões de 45 minutos e 5 sessões de 90 minutos (como se pode verificar no quadro 2), intervindo por partes de crescente, assim comecei por apenas observar as aulas do colega, passando depois para a lecionação de momentos de aula. Já na intervenção propriamente dita, numa primeira fase lecionei as aulas com o colega Pedro Safara, passando no final para a lecionação de quatro aulas sozinho.

Quadro 2: Matérias lecionadas durante a intervenção na turma do 9ºano

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **AULA** | **DATA** | **LOCAL** | **MATÉRIA** |
| 54 | 18/3/2011 | G1 | **Voleibol** |
| 55 | 25/3/2011 | G1 | **Andebol/Futebol** |
| 56 | 29/3/2011 | G2 | **Ginástica Acrobática e Aeróbica** |
| 57 | 1/4/2011 | G1/G2 | **Ginástica/Badminton** |
| 58 | 26/4/2011 | G2 | **Ginástica de solo e Aparelhos** |
| 60 | 29/4/2011 | G1/G2 | **Aeróbica/Badminton** |
| 61 | 3/5/2011 | P2 | **Basquetebol** |
| 62 | 6/5/2011 | P2 | **Futebol/ Andebol** |

A turma do 9º ano era composta por 22 alunos, 16 raparigas e 6 rapazes, mostrando-se uma turma bastante fácil de lidar e logo de trabalhar durante as aulas. A média de idades da turma era de 14 anos, logo os alunos encontravam-se dentro do padrão para o ano de estudos, com exceção de 2 alunos que reprovaram anteriormente, possuindo 16 anos. A turma era frequentada por uma aluna com NEE, possuindo dificuldades de aprendizagem.

Esta turma apresentou-se como uma turma heterogénea tanto na área das atividades físicas como na área da aptidão física, com alguns alunos a evidenciarem uma boa prestação motora enquanto outros alunos demonstraram uma disponibilidade motora mais fraca, o que não significou que não tivessem gosto pela prática de exercício, demonstrando sempre muita motivação na prática das atividades físicas. Devido a estes fatores a turma foi quase sempre separada por grupos de nível formados após avaliação inicial, de modo a que cada grupo pudesse trabalhar os conteúdos pertencentes ao seu nível de aprendizagem.

Em relação ao comportamento da turma, esta apresentou sempre comportamento positivo, os alunos reagiram sempre bem às indicações dadas e não repetiram comportamentos desviantes depois de chamados à atenção. A turma demonstrou assim no geral, ser fácil de trabalhar e bastante acessível para a lecionação das aulas, sendo também de salientar que todos os alunos da turma aparentaram um bom relacionamento entre eles. Por fim gostaria de referir a boa relação que mantive com a turma durante toda a intervenção e lecionação de aulas.

*Escola Secundária André de Gouveia*

11º Ano

A turma de secundário que acompanhei durante toda a intervenção da PES foi uma turma do 11º ano da área de Ciências e Tecnologias. Esta era uma turma pequena, de apenas 13 alunos no início do ano, no entanto a meio do 2º período uma das alunas abandonou a turma por já ter transitado na disciplina de EF no ano anterior. Assim a turma chegou ao final do ano letivo com apenas 12 alunos, 6 rapazes e 6 raparigas, sem nenhum aluno retido do ano anterior.

Sendo uma turma pequena, esta foi, desde o início, a turma mais fácil de lidar. Os alunos possuíram um comportamento positivo, adequado à sua idade, ainda que por vezes existissem alguns comportamentos de falta de atenção ou brincadeira por parte dos alunos, estes modificavam comportamento quando chamados à atenção e corrigiam a sua postura na aula. A questão da motivação dos alunos também foi fácil de gerir visto que estes se mostraram interessados na disciplina. Existiu, apenas um ponto em que os alunos se mostraram menos motivados, o facto de não poderem efetuar jogo formal nas modalidades coletivas tantas vezes como queriam, decisão explicada pelo planeamento efetuado para a turma, visto que a complexidade dos exercícios foi aumentando durante o ano, terminando nas situações de jogo nas últimas etapas planeadas. Ainda assim os alunos aderiram sempre com vontade aos exercícios realizados.

Em termos de desempenho motor na área das atividades físicas, a turma mostrou ser algo heterogénea na maior parte das modalidades. Alguns alunos mostraram domínio dos conteúdos na avaliação inicial e posteriormente durante o ano nas diferentes matérias, enquanto outros demonstraram menor domínio nas diferentes matérias, o que fez com que desde início a turma trabalhasse na grande maioria das aulas por grupos de nível, decisão tomada para que os alunos agrupados com o mesmo domínio de conteúdos pudessem evoluir para os mesmos objetivos dentro de cada grupo de nível.

* 1. **Caracterização das Escolas**

*Escola EB1/JI do Bacelo*

A Escola EB1/JI do Bacelo pertence ao Agrupamento Vertical Nº4 de Évora, da qual também faz parte a EBCV. O espaço escolar da instituição é um espaço novo e moderno, com características que permitem aos alunos estar no recreio com liberdade mas sempre com os aspetos ligados à segurança em evidência.

O espaço desportivo da escola permite lecionar as aulas de atividade física desportiva com alguma flexibilidade de opções, ao existir um campo de jogos exterior, com 2 balizas e marcação de linhas de campo, que permite a realização de jogos pré-desportivos, perícia e manipulação, patinagem, jogos de apanhada, jogos de caráter lúdico e jogos de abordagem às modalidades coletivas. Existe também um espaço interior que permite a realização de atividades ligadas à ginástica, deslocamentos e equilíbrios e atividades rítmicas expressivas.

O material disponível para as aulas de atividade física desportiva encontrava-se num armazém ao lado do espaço interior e contava essencialmente com um alargado número de bolas de iniciação, vários tapetes de ginástica, sinalizadores, coletes, várias cordas e objetos para aprendizagem de perícia e manipulação.

Em meu entender, o único constrangimento que o espaço desportivo da escola apresenta é o facto de as redes que se encontram ao lado do campo exterior serem um pouco baixas, o que poderá fazer com que, por vezes, algumas bolas saltem para o lado exterior da rede e podem perder-se ou “convidar” um aluno a saltar a rede para ir buscar a bola.

*Escola Básica Conde de Vilalva*

A EBCV encontra-se situada num dos bairros envolventes da cidade de Évora. Trata-se de uma escola, sede de agrupamento, com anos de escolaridade compreendidos entro o 5º e o 9º ano do ensino básico. O espaço físico da escola compreende uma grande área de terreno à volta da mesma, ocupada sobretudo pelo espaço exterior desportivo. As instalações desportivas da escola distribuem-se por 3 espaços, que servem para a lecionação de aulas de EF, sendo 2 deles interiores, o espaço grande ou G1 e o espaço pequeno ou G2 e um espaço exterior, que serão de seguida caracterizados:

O espaço G1 é a nave principal do pavilhão, que permite trabalhar todas as matérias com exceção da ginástica, remetida para outro espaço. Esta instalação permite, no geral, a prática de modalidades desportivas coletivas, bem como desportos de raquete, estando marcados vários campos com as medidas para o ensino das diferentes matérias. No espaço pareceu não existir condicionantes no piso, assim esta instalação oferece todas as condições de segurança necessárias para a prática desportiva e ensino das diferentes matérias.

O espaço G2 é a sala de ginástica, um espaço menos polivalente, onde podem ser realizados desportos de luta, atletismo (salto em altura), dança e as várias modalidades de ginástica. Esta instalação está vocacionada principalmente para a prática das modalidades gímnicas, visto ser neste espaço que se concentra todo o equipamento para a prática da ginástica.

Os espaços exteriores, P1, P2 e P3 estão vocacionados essencialmente para a prática de atletismo e desportos coletivos, possuindo um campo exterior com linhas de marcação de campos, 2 balizas e 4 tabelas, uma pista de atletismo de 200 metros composta por 3 pistas e marcação para corridas de velocidade ou resistência, uma caixa de areia com pista de corrida para saltos e um espaço à frente da caixa para efetuar lançamentos.

Em termos de materiais desportivos a escola encontra-se muito bem apetrechada, possuindo materiais em quantidade para praticamente todas as matérias.

*Escola Secundária André de Gouveia*

A ESAG encontra-se situada num dos bairros envolventes da cidade de Évora. Trata-se de uma escola que possui 2 ciclos de ensino, o 3º ciclo do ensino básico e o ensino secundário, tendo no total 6 anos de escolaridade, que vão do 7º ano ao 12º ano. O espaço físico da escola é o espaço do antigo Liceu de Évora e compreende uma grande área de terreno à volta da mesma. É uma escola formada por cinco pavilhões com salas de aula, laboratórios, museus, gabinetes, biblioteca, um recinto polivalente e um complexo desportivo, existindo instalações e equipamentos adequados à prática de diversas modalidades desportivas. De referir que a escola possui atualmente o Curso Tecnológico de Desporto, logo é uma instituição que possui à partida condições e equipamentos desportivos variados para a prática da grande maioria das modalidades nos PNEF’s.

Os equipamentos desportivos da escola contam com um pavilhão gimnodesportivo que permite trabalhar quase todas as matérias, visto possuir todo o equipamento necessário, balizas, tabelas, linhas de marcação de campo para desportos coletivos e de raquete. Existem ainda na escola 2 campos exteriores em alcatrão que permitem realizar modalidades coletivas, um deles com rede de voleibol, um campo exterior de terra com pista à volta, onde se pode praticar atletismo e desportos coletivos e uma pista de corrida com caixa de areia para efetuar os saltos. De salientar que a escola possui ainda a marcação de pontos distribuídos pela mesma para a prática de orientação durante ou fora das aulas.

Em termos de materiais desportivos e como já referido a escola encontra-se muito bem apetrechada, possuindo materiais em quantidade para praticamente todas as matérias, que incluem uma aparelhagem e sistema de som pronto para ser utilizado em qualquer aula.

1. **Dimensão de Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem**
   1. **Conhecimento dos modelos: Blocos e Etapas**

Existem atualmente 2 Modelos de Planeamento para as aulas de EF em Portugal, o modelo por ciclos de atividades ou blocos e o modelo por etapas, podendo-se considerar ainda a existência de um modelo de planeamento misto, que integra características dos dois tipos de planeamento anteriormente referidos. Neste relatório serão abordados os dois tipos de planeamento, por terem sido ambos aplicados durante a intervenção efetuada na PES.

O modelo por ciclos de atividades ou blocos caracteriza-se por ser um modelo mais tradicional. O bloco define-se por ser um conjunto de aulas da mesma matéria, numa sucessão de blocos cada bloco aborda uma matéria física num número de aulas previamente estabelecido, a definição de objetivos é feita à priori e a aprendizagem é concentrada, o planeamento e duração do bloco estão bem definidos no início do ano e este é definido sem avaliação inicial. No geral, o tipo de aulas são monotemáticas, logo mais fáceis de controlar. Uma unidade didática define-se como o conjunto de aulas sobre a mesma atividade física e as aprendizagens adquiridas numa unidade didática não são tidas em conta nos blocos seguintes. A abordagem dos conteúdos é definida pelo esquema de rotação de turmas pelo espaço e a periodização da atividade resulta dos horários e da distribuição das turmas pelas instalações, o ensino é massivo e existe uma suposta igualdade de oportunidades. Existe avaliação inicial mas no início de cada bloco, este modelo inviabiliza o ensino de EF de forma eficaz, por não existir deliberação pedagógica. “A referência deste planeamento não é adequada aos PNEF’s”. Rosado (s.d.).

O modelo de planeamento por etapas pressupõe uma divisão do ano letivo em etapas, com características próprias e objetivos diferenciados. Estas etapas obedecem a uma sucessão lógica de aprendizagens ao longo do ano, assim as primeiras etapas servem de base ao restante trabalho efetuado nas etapas seguintes.

Uma etapa define-se como um período de tempo reduzido que facilita a orientação e regulação do processo ensino-aprendizagem, tem em conta o calendário escolar, características das instalações desportivas e condições climatéricas para aproveitamento dos espaços exteriores. O modelo de planeamento por etapas caracteriza-se por ser um modelo mais recente e atual, no entanto ainda menos utilizado mas em fase de proliferação. Como já referido existe uma articulação das etapas, numa relação de interdependência, assim as primeiras são pré-requisitos das segundas, neste modelo de planeamento existe definição de objetivos anuais, definidos após a avaliação inicial, adaptando-se as aprendizagens que necessitem de uma distribuição temporal, possibilitando uma aprendizagem gradual e duradoura. No planeamento a duração das etapas é imprevisível e definido após a avaliação inicial, as aulas são poli temáticas e logo mais difíceis de controlar. Uma unidade didática define-se como o conjunto de aulas semelhantes com a mesma função didática ou conteúdos e as aprendizagens adquiridas são tidas em linha de conta nos blocos seguintes. A distribuição dos conteúdos dá prioridade ao plano de turma e há uma maior distribuição temporal, a periodização da atividade resulta da interpretação que o professor faz das características dos seus alunos. Existe um ensino diferenciado, que contempla a indispensável diferenciação do tempo e das situações de aprendizagem em função das aptidões dos alunos. Existe uma avaliação inicial sobre todas as matérias no início do ano letivo e viabiliza um plano de EF da turma eficaz, por existir deliberação pedagógica. “A referência deste planeamento é positiva e adequada nos PNEF’s”. Rosado (s.d.).

O modelo de lecionação por etapas pode ser dividido em quatro ou cinco etapas, conforme a planificação do ano, e sujeito aos critérios do professor. O planeamento mais comum pressupõe a divisão em 4 etapas, que utilizei no meu planeamento durante o ano na ESAG, estas são:

* *1ª Etapa Avaliação Inicial* - A avaliação inicial proporciona a informação necessária para determinar o nível dos alunos em cada matéria no início do ano, bem como determinar as matérias em que os alunos são mais fortes e aquelas em que possuem maior dificuldade. Esta etapa permite ainda verificar o modo como decorrem as aulas em termo de comportamento e motivação dos alunos e qual o tipo de aula que mais favorece a aprendizagem.
* *2ª Etapa Aprendizagem –* A segunda etapa caracteriza-se em regra por ser de aprendizagem dos conteúdos das diferentes matérias e nos diferentes níveis em que os alunos foram colocados após a avaliação inicial, nesta etapa pretende-se que os alunos comecem a aprender os conteúdos abordados nas aulas, bem como os conhecimentos acerca das atividades desportivas e da saúde relacionada com o exercício e ainda que treinem a sua aptidão física durante e através das aulas. Assim esta etapa serve sobretudo para tentar tirar o maior proveito dos conteúdos abordados, os alunos devem maximizar da melhor maneira as aprendizagens de modo a que estas sirvam de base para as próximas etapas.
* *3ª Etapa Desenvolvimento –* Esta etapa caracteriza-se, tal como o nome indica, pelo desenvolvimento dos conteúdos abordados nas etapas anteriores. Os conteúdos aprendidos na 2ª etapa servem de base para o trabalho na etapa atual, as aprendizagens são reforçadas e consolidadas, assim a aprendizagem de novas competências estará sempre dependente dos conteúdos aprendidos anteriormente.
* *4ª Etapa Consolidação –* A última etapa caracteriza-se por servir de consolidação às etapas anteriores. Nesta etapa existe uma revisão e consolidação dos conteúdos abordados anteriormente. Assim após aprender e desenvolver os conteúdos, nesta etapa pretende-se que os alunos consigam realizar e aplicar exercícios em situação formal ou de exercício critério. Esta etapa serve também para realizar as avaliações finais das matérias abordadas, comparando estas às avaliações iniciais e permitindo assim identificar a evolução dos alunos ao longo do ano letivo. A reflexão acerca do trabalho realizado durante o ano e das evoluções dos alunos permitem também analisar os erros e as virtudes do professor e da forma como as aulas decorreram.

No estágio realizado durante a PES, foram trabalhados diferentes modelos de planeamento nas diferentes escolas, como já referido, cada escola pressupôs uma forma de lecionar diferente, conforme a turma e a orientação das várias intervenções. Começando no 1º ciclo, a forma de lecionar foi através de blocos. No 2º ciclo, 6º ano e durante a intervenção realizada durante toda a PES, o modelo de planeamento utilizado foi um modelo misto, que possui características de ambos os modelos, esse tipo de lecionação possuiu no entanto mais características do modelo de planeamento por blocos, como se explicará mais à frente. Na intervenção junto do 3º ciclo e ensino secundário o modelo de planeamento adotado foi o modelo por etapas, com todas as características que definem esta forma de lecionação.

* 1. **A Planificação**

A planificação do ano letivo é o início do trabalho que tem de ser feito para uma correta lecionação das aulas. Segundo Rosado (1999) existem vários conceitos que devem ser clarificados para uma correta planificação. Alguns destes conceitos fazem bastante sentido aparecer neste relatório, de modo a explicar decisões tomadas durante o planeamento. Para o autor os objetivos pedagógicos da planificação são a “descrição de intenções de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Podem ser formados a diversos níveis de generalidade e assumem diferentes designações conforme a perspetiva teórica dominante e a tipologia de objetivos utilizada. É frequência a finalidades, metas, objetivos gerais, específicos e operacionais.”

A planificação faz parte integrante do processo de ensino e aprendizagem pois é graças ao planeamento estruturado que se promovem aprendizagens. Existe assim uma pirâmide de planeamento, que parte do maior até ao mais pequeno, isto é, o planeamento plurianual, que não foi muito abordado durante o estágio por não fazer sentido, visto que a PES se realizou em apenas um ano letivo. De seguida o plano anual de turma que distribui as aprendizagens pelo tempo, em seguida o plano de etapa ou de unidade didática, consoante se utilize um planeamento por etapas ou por blocos respetivamente, e chegando ao topo da pirâmide com o plano de aula. Os aspetos ligados à planificação foram assim a primeira e principal preocupação no início do ano letivo e no início da intervenção na PES, pois para que o processo de ensino e aprendizagem decorresse da melhor maneira, este ponto não poderia ser descurado.

O modelo de planeamento adotado para as diferentes escolas foi atrás referido, ainda assim importa referir que tanto o modelo por etapas como o modelo misto mas mais virado para o ciclo de atividades, foram utilizados, em diferentes turmas. No ensino secundário, com toda a lógica, foi utilizado o modelo de planeamento por etapas, visto ser o modelo que atualmente é mais aceite e adequado aos PNEF´s, resultando daí maiores ganhos de aprendizagem para os alunos. No 3º ciclo a intervenção foi feita lecionando aulas de uma planificação anual já elaborada, logo não tive a oportunidade de construir um planeamento para este ciclo, com exceção dos planos das aulas que lecionei na totalidade. Ainda assim, na turma a intervenção foi feita com base no trabalho por etapas, visto ser neste modelo de planeamento que a turma trabalhou durante o ano. No 2º ciclo, 6º ano, por opção do professor colaborador e do grupo de EF de escola, foi decidido que o modelo de planeamento utilizado seria por ciclos de atividades ou blocos. Este aparentou ser durante todo o ano o modelo indicado para a turma, visto que esta turma era algo problemática e difícil de controlar, não possuindo o controlo suficiente para trabalhar atividades com alguma independência, assim como diz Rosado (s.d.), no modelo por blocos o controlo da turma é facilitado, só existe um tema e tendencialmente mais homogeneidade das práticas. Esta foi a principal razão pela escolha deste modelo de planeamento misto nesta turma. De referir que este modelo embora mais virado para os blocos, possuiu várias características do ensino por etapas que passo a citar: avaliação inicial a todas as matérias, sempre que possível (mas com dificuldade) foram inseridas aulas politemáticas, os alunos foram inseridos por níveis de atividade e quando possível trabalhados nas aulas por grupos de nível, nas matérias em que a turma se encontrava mais heterogénea em temos de aprendizagens dos conteúdos, e durante o ano, foram trabalhadas algumas das matérias sujeitas a avaliação anteriormente, de modo a existir recordação e transfere das mesmas para outras matérias.

No 1º ciclo os conteúdos foram abordados através do modelo de planeamento por blocos, considerando-se dois blocos distintos, a ginástica e os jogos.

Através das avaliações iniciais, executadas quase na totalidade pelos professores orientadores, foi efetuado o planeamento anual para as duas turmas cuja intervenção decorreu durante a totalidade da PES.

Para o 11º ano o planeamento contou com 4 etapas como já referido, Avaliação Inicial, Aprendizagem, Desenvolvimento e Consolidação (figura 1). Já para o 6º ano o modelo de planeamento por blocos apenas permitiu a distribuição das matérias por períodos de tempo durante o ano (figura 2).

**3º PERÍODO**

**2º PERÍODO**

**1º PERÍODO**

**DESENV.**

**2/2 – 6/4**

**APRENDIZAGEM**

**25/10/2010 – 31/1/2011**

**CONSOLIDAÇÃO**

**27/4 - 8/6**

**AVALIAÇÃO I.**

**20/9 – 20/10**

**PÁSCOA**

**NATAL**

**CARNAVAL**

Figura 1: Cronograma do modelo de planeamento por etapas para o 11º ano.

**3º PERÍODO**

**1º PERÍODO**

**2º PERÍODO**

**Atividades:**

Ginástica de ap.;

Atletismo;

Raquetes;

Voleibol;

Folclore;

Orientação.

**Atividades:**

Ginástica de solo;

Ginástica de aparelhos;

Atletismo;

Basquetebol;

Raquetes;

Voleibol.

**Atividades:**

Ginástica de solo;

Ginástica de ap.;

Andebol;

Atletismo;

Luta.

**PÁSCOA**

**NATAL**

**CARNAVAL**

Figura 2: Cronograma das matérias lecionadas por período à turma do 6º ano.

Como se pode verificar nas figuras 1 e 2, os planeamentos efetuados para o 11º ano e para o 6º ano respetivamente são de caráter diferente em relação à continuidade nas aprendizagens. No primeiro caso as matérias foram lecionadas ao longo de todo o ano, através do modelo por etapas, enquanto no segundo caso as matérias foram distribuídas por períodos, e apenas algumas foram abordadas em mais do que um período.

Assim e através da análise dos PNEF´s, junto com o projeto de escola no caso do 6º ano, relacionados com as possibilidades de cada escola, permitiram a elaboração dos planos anuais de turma, que abordaram as seguintes matérias no 6º ano: voleibol, ginástica de solo, ginástica de aparelhos, atletismo, orientação, raquetes, folclore, orientação, luta e andebol. Esta escolha teve a ver, como já referido, com o PNEF em conjunto com o projeto de escola, seguindo as indicações do professor orientador desta turma, foram ajustadas as matérias à rotação de espaços e distribuídas em função da avaliação inicial, pelas matérias em que os alunos sentiram mais dificuldade, ou seja, as matérias prioritárias voleibol e ginástica de solo, como se pode verificar à frente no quadro 3.

No caso do 11º ano, a hipótese de escolha dos alunos (dentro das condicionantes) das matérias que abordariam e que seriam avaliados durante o ano, em conjunto com os elementos já referidos deram origem à seguinte escolha de matérias: atletismo, voleibol, basquetebol, futebol, andebol, badmínton, ginástica de solo, ginástica de aparelhos, râguebi, corfebol, orientação, judo, danças modernas e latino-americanas. Neste caso em particular a distribuição de matérias pelas aulas obedeceu a alguns critérios, que foram seguidos, de modo a dar aos alunos a maior prática possível dentro das suas escolhas e igualdade de circunstâncias no treino e abordagem às matérias por eles selecionadas, com a condicionante da rotação pelos espaços disponíveis para a prática da EF.

Assim, a escolha não foi efetuada pelas matérias prioritárias, embora as matérias em que os alunos revelaram maiores dificuldades da avaliação inicial fossem tidas em conta, mas pela igualdade de oportunidades de todos os alunos praticarem as matérias que escolheram para ser avaliados, na mesma razão. Os desportos coletivos obtiveram mais aulas dentro do planeamento pela facilidade de prática dentro da rotação de espaços mas também pela dificuldade mostrada pela turma no geral nesses desportos. Dentro da escolha entre o atletismo e a ginástica, a primeira matéria teve mais aulas pelas várias disciplinas abordadas dentro do atletismo e pela facilidade de prática na rotação de espaços, ainda assim a ginástica de solo e aparelhos, sempre praticadas em conjunto foram abordadas um considerável número de vezes durante o ano. Nas restantes matérias existiu uma igualdade na distribuição de aulas pelas diferentes etapas, como pode ser verificado no quadro 4.

Quadro 3: Resultados da avaliação inicial 6º ano

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **6ºB 2010/2011** | | **Desportos colec.** | | | **Ginástica** | | **Atlet.** | **Desp. Raq.** |
| ***Nº*** | ***Alunos*** | **Volei.** | **Basq.** | **And.** | **Solo** | **Ap.** | **Corridas** | **Badminton** |
| 1 |  | **NI** | **NI** | **NI** | **NI** | **NI** | **NI** | **NI** |
| 2 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** |
| 3 |  | **I** | **NI** | **NI** | **NI** | **I** | **I** | **NI** |
| 4 |  | **I** | **I** | **I** | **NI** | **NI** | **I** | **I** |
| 5 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** |
| 6 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** |
| 7 |  | **NI** | **NI** | **NI** | **I** | **NI** | **NI** | **NI** |
| 8 |  | **NI** | **NI** | **I** | **NI** | **NI** | **NI** | **NI** |
| 9 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** |
| 10 |  | **NI** | **I** | **I** | **NI** | **NI** | **I** | **I** |
| 11 |  | **NI** | **NI** | **NI** | **NI** | **NI** | **I** | **NI** |
| 12 |  | **NI** | **I** | **I** | **NI** | **I** | **I** | **NI** |
| 13 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **NI** | **NI** |
| 14 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** |
| 15 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** |
| 16 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** |
| 17 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** |
| 18 |  | **I** | **I** | **I** | **NI** | **I** | **I** | **I** |
| 19 |  | **I** | **I** | **I** | **NI** | **I** | **I** | **I** |
| 20 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** |
| 21 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** |
| 22 |  | **I** | **I** | **I** | **NI** | **I** | **I** | **I** |
| 23 |  | **NFA** | **NFA** | **NFA** | **NFA** | **NFA** | **NFA** | **NFA** |

Quadro 4: Distribuição do número de aulas pelas matérias na turma do 11º ano

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Períodos** | | **2ª Etapa** | **3ª Etapa** | **4ª Etapa** | **Totais** |
| **Nº de Aulas** | | 22 | 17 | 13 | **52** |
| **Matérias** | Voleibol | 6 | 4 | 1 | **11** |
| Futebol | 6 | 4 | 1 | **11** |
| Andebol | 6 | 3 | 1 | **10** |
| Basquetebol | 6 | 4 | 0 | **10** |
| Râguebi | 2 | 3 | 1 | **6** |
| Corfebol | 2 | 3 | 1 | **1** |
| Ginástica | 4 | 4 | 1 | **9** |
| Atletismo | 5 | 5 | 2 | **12** |
| Danças L.A. | 0 | 1 | 1 | **2** |
| Danças Modernas | 0 | 2 | 1 | **3** |
| Badmínton | 5 | 3 | 3 | **11** |
| Orientação | 2 | 2 | 1 | **5** |
| Desportos de C. | 1 | 2 | 2 | **5** |

Como referido anteriormente, a diferença de ciclos, originou diferentes planeamentos anuais para o 6º ano e para o 11º ano, com diferentes características e modelos de trabalho. Essa diferença de ciclos, crescimento e maturidade dos alunos, originou também diferentes planos para as aulas em cada turma. No 11º ano as características dos planos de aula tiveram sobretudo questões motivacionais como base, mas também preocupações em transmitir os conteúdos separadamente por grupos de nível (como se pode verificar no anexo 1), buscando exercícios motivadores e que transmitissem aprendizagens. Já nas turmas dos ciclos inferiores, em especial a turma do 6º ano, os planos de aula foram elaborados com características baseadas na transmissão de conteúdos com todos os aspetos ligados à aula definidos por regras. A utilização de regras e sistematização de regras e rotinas, foram os elementos básicos fundamentais para que as aulas pudessem decorrer num clima de aprendizagem positivo.

A gestão do tempo de aula, organização, instrução e tempo de prática motora foram, desde logo, alvo de bastante atenção na elaboração do plano de aula, para que na prática, ou seja, na aula tudo decorresse da melhor maneira, em todos os ciclos de aprendizagem.

Existiram alterações ao planeamento original de ambas as turmas, motivadas nos dois casos, sobretudo pela introdução de atividades de escola, que não permitiram a lecionação de algumas aulas, em especial na EBCV, mas também na ESAG, em que algumas aulas não puderam ser lecionadas devido ao mau tempo, isto por a aula ser no espaço exterior, como previsto na rotação de espaços. As alterações pela não lecionação de algumas aulas, não influenciaram contudo os objetivos a atingir no final do planeamento, pois os conteúdos previstos para essas aulas foram integrados em aulas posteriores sem problemas.

* 1. **A Condução do ensino**

A lecionação de aulas pode definir-se como a operacionalização do planeamento efetuado na preparação da disciplina de EF. Na condução do ensino devem ser definidas estratégia que ajudem os alunos, no clima da aula e na procura do domínio dos conteúdos planificados e abordados durante as aulas. Assim, as estratégias de ensino podem-se definir como formas de organização da aula, com objetivo de controlar todos os fatores ligados ao processo de ensino e aprendizagem, ajudando o aluno a dominar os conteúdos da aula.

Para Carreiro da Costa (1998), “O êxito na aprendizagem em EF não é o fruto de uma única intervenção ou opção didática. A eficácia pedagógica pode concretizar-se de formas muito diversificadas e varia de acordo com as circunstâncias em que decorre o ensino. Os professores “mais” eficazes manifestam grande capacidade didática, isto é, a capacidade de conjugar habilidades de diagnóstico, instrução, gestão e reação, adaptando o seu comportamento de ensino às necessidades formativas dos alunos e à especificidade da situação educativa”.

As estratégias pedagógicas utilizadas nas aulas parecem ser assim fundamentais para o bom funcionamento nas mesmas, um bom clima, gestão do tempo e recursos, otimização de aprendizagens e objetivos a alcançar são pontos influenciados pela utilização de estratégias. Os vários ciclos de ensino em que existiu intervenção foram a prova de que diferentes estratégias devem ser aplicadas, condicionadas à turma a que se leciona. A independência dada aos alunos para a descoberta de soluções nos exercícios trabalhados, vem da autonomia com que os alunos conseguem trabalhar, a descoberta guiada das propostas efetuadas pelo professor aos alunos está relacionada com o facto de o professor ter a liberdade de deixar os alunos tomar as suas próprias decisões na resolução dos problemas encontrados na aula.

A intervenção pedagógica envolve diversas dimensões de ensino, que devem ser seguidos nas aulas e que serviram de base ao trabalho efetuado na lecionação das aulas durante o ano letivo: Dimensão Instrução; Dimensão Gestão; Dimensão Clima; Dimensão Disciplina.

A dimensão instrução envolve todos os processos que o professor utiliza para transmitir informação aos alunos ou turma.

A dimensão gestão engloba todas as estratégias utilizadas pelo professor para conseguir proporcionar aprendizagens da melhor maneira aos alunos. Esta dimensão encontra-se relacionada com a instrução por se complementarem.

A dimensão clima e dimensão disciplina também se encontram bastante relacionados e dizem respeito à conduta necessária para o espaço de aula e a maneira de estar na aula.

**4.3.1 Análise da Prática de Ensino**

A condução de ensino deve ser analisada para que de futuro as boas práticas sejam mantidas e as más práticas sejam eliminadas. Para que as aulas englobem as dimensões atrás referidas é importante que sejam criadas regras e rotinas que os alunos saibam identificar como comportamentos corretos para a aula. Estas regras e rotinas servem para tentar maximizar o tempo útil de aprendizagem dos alunos, controlando os demais aspetos ligados ao funcionamento da aula, pois como referem Ferreira e Santos (2000), “A importância das rotinas está claramente demonstrada pois constituem momentos estruturantes das atividades e dos comportamentos dos alunos”.

Nas diferentes turmas em que existiu intervenção, diferentes estratégias e rotinas foram aplicadas. O caso em que existiu maior dificuldade na aplicação dos conceitos ligados à aula, foi a turma do 6º ano. Por isso, a criação de regras e estabelecimento de rotinas vincadas foram bastante importantes no controle da turma durante o ano, visto que, como já referido, esta turma apresentou-se como algo problemática em termos disciplinares, a utilização de regras impostas quer no início, quer a meio do ano revelou-se fundamental. As dimensões atrás referidas,base do trabalho efetuado nas aulas, podem assim ser referidas como a teorização que ajuda no controle da aula, tendo um efeito direto em todos os fatores da mesma, como analisado de seguida.

Na dimensão Instrução, as rotinas efetuadas diferiram entre turmas, os ciclos mais novos foram alvo de maior introdução de rotinas e de regras, sendo estes pontos sublinhados sempre que necessário ou sempre que existiu comportamento fora do comum ou da tarefa. Para Ferreira e Santos (2000), “cada professor deverá escolher as metodologias segundo as características da turma, o programa a desenvolver, a formação recebida, o trajeto profissional, as características da personalidade, o seu pensar e educação e a sua filosofia de vida”. Para os autores cada turma deverá ter a sua metodologia de trabalho, dependendo das características da mesma, mas também a experiência do professor é tida em conta na escolha de estratégias a utilizar.

Nas turmas em que existiu intervenção, diferentes regras e rotinas foram aplicadas, como já referido. No 1º ciclo, como aspetos organizativos, todos os alunos se deveriam colocar em meia-lua na frente do professor no início da aula, sentados ou de pé, conforme o espaço fosse o interior ou exterior, já na instrução durante a aula, os alunos colocavam-se sempre em meia-lua mas em pé. A saída da sala foi feita sempre em fila indiana, sem barulho no corredor e nenhum aluno podia ultrapassar os colegas. No final da aula todos os alunos se tinham de despedir do professor e só poderiam ir beber água após o professor ordenar. Já nos ciclos superiores a instrução inicial foi feita com os alunos sentados junto à parede, altura em que era resumida as matérias a abordar na aula juntamente com os seus conteúdos. A instrução durante a aula era feita em meia-lua, no entanto a transmissão de informação foi algo complicada no início do ano, em especial na turma do 6º ano. Após analisar alguns dos meus comportamentos, que poderia modificar de modo a melhorar este parâmetro, deparei-me com a noção de que os ciclos de ensino mais novos precisam de uma linguagem bastante simples e de fácil compreensão. No entanto, o principal problema que detetei, foi que a transmissão de conteúdos não seria a mais adequada, visto que era dito aos alunos os exercícios a realizar, mas não a forma de os realizar e obviamente, estando num nível de aprendizagem mais baixo, os alunos não conseguiam assimilar as ações motoras. Após mudar o tipo de linguagem e passar a explicar as ações motoras, notou-se uma mudança na perceção dos alunos em relação à informação transmitida. Na turma de ensino secundário esta situação não ocorreu visto que os alunos apresentavam uma bagagem motora bem maior, focando a minha atenção para a correta realização dos exercícios e não simplesmente para o “realiza ou não realiza”. Também no 1º e 3º ciclo esta situação não ocorreu, pela experiência ganha no início do ano com a turma de 6º ano. Outras regras foram impostas, como permanecer atento e em silêncio até ao final da explicação do professor, colocando as dúvidas no final, ajudando numa instrução rápida e mais concisa. Durante o ano foram efetuadas várias adaptações, após reflexão das aulas, no sentido de otimizar os tempos de instrução e organização, o que levou a um aumento significativo da capacidade de transmissão e retenção de informação pelos alunos.

Na dimensão Gestão também existiram regras que foram implementadas para o bom funcionamento das aulas, tendo como objetivo retirar o maior proveito das mesmas. Uma das primeiras regras a ser instituída, com exceção do 1º ciclo, foi a questão dos tempos de vinda dos balneários, visto que os alunos dispunham de até 5 minutos após o primeiro toque de entrada, após este tempo os alunos em atraso teriam falta, como regra geral os alunos chegaram sempre a horas. Os grupos de trabalho já estavam identificados no início da aula, o que levava a uma melhor gestão do tempo na organização dos mesmos, inclusive no decorrer do ano, em que os alunos já sabiam qual o seu grupo em cada matéria, em especial na turma de secundário. A questão do início e fim dos exercícios foi definida pela utilização do apito, assim em todas as turmas, ficou definido que um apito começava o exercício e dois apitos findavam o mesmo, tendo ainda a preocupação de não usar demasiado o apito, para que os alunos não se acomodassem ao som e deixarem de dar importância ao mesmo. Na montagem e arrumação do material, os grupos eram definidos ainda durante a organização e os alunos indicados montavam as estações e material necessário por grupos, isto mais no caso do 11º ano, já que no 6º ano o controle da turma foi sujeito a regras mais fortes, assim apenas 4 ou 6 alunos indicados podiam mexer no material, para que não se gerasse muita brincadeira durante a organização. A questão das filas de espera, foi outro fator que tentei precaver durante o ano, assim apenas alguns exercícios foram trabalhados com fila de espera e sempre que possível com o menor número de alunos na mesma, visto que esta variável induzia facilmente os alunos a comportamentos de indisciplina.

As dimensões Clima e Disciplina estão bastante relacionadas, mas também o estão com as dimensões já analisadas, assim as regras e rotinas impostas na instrução, para uma boa gestão da aula, são fundamentais para que exista um clima positivo e para que não ocorram situação de indisciplina durante a aula. Para ter um bom clima durante a aula, tentei sempre ser cordial e respeitador dos alunos, mas em troca exigi empenho e comportamentos de acordo com o saber estar numa sala de aula, que foram desde não entrar em comportamento fora da tarefa até seguir as regras e rotinas implementadas. Esta parte entra também no campo da disciplina e se na turma de secundário bem como nas turmas de 1º e 3º ciclo estas dimensões foram sempre positivas, na turma do 2º ciclo foi algo complicado a gestão das mesmas, visto que uma das minhas maiores dificuldades foi a questão da disciplina dos alunos. Após uma conversa com o orientador de escola percebi que quanto mais vincadas, fortes e enraizadas fossem as rotinas e regras da aula, mais facilmente os alunos seriam controlados, e foi isso que aconteceu no desenrolar do ano.

* 1. **A Avaliação**

A avaliação pode definir-se como o culminar das aprendizagens adquiridas ao longo do ano. De acordo com P.N.E.F. do 3º Ciclo do Ensino Básico (2001), “a avaliação dos alunos em Educação Física realiza-se de maneira equivalente às restantes disciplinas dos planos curriculares, aplicando-se as normas e princípios gerais que a regulam. Os objetivos de ciclo constituem as principais referências no processo de avaliação dos alunos, incluindo o tipo de atividade em que devem ser desenvolvidas e demonstradas atitudes, conhecimentos e capacidades, comuns às áreas e subáreas da EF e as que caracterizam cada uma delas. Considera-se que o reconhecimento do sucesso é representado pelo domínio/demonstração de um conjunto de competências que decorrem dos objetivos gerais”. Os critérios de avaliação a adotar, de modo a determinar o sucesso são estabelecidos pelas escolas, pelo grupo de EF e pelo próprio professor.

Este processo pode-se dividir em “momentos” de avaliação e revela-se exigente mas justo, devendo ser o mais objetivo possível dentro da subjetividade de avaliação de cada professor. A avaliação na EF é efetuada em três grandes áreas, Atividades Físicas, Conhecimentos e Aptidão Física. As três funções em que a avaliação se divide são a avaliação inicial, avaliação formativa e avaliação sumativa ou final. O instrumento utilizado na avaliação em EF é a observação. Para Ferreira e Santos (2000) citando Pasannella, “a observação é a arma por excelência do professor”, assim desde logo será subjetiva, por poder ser diferente na ótica dos diferentes professores, no entanto os critérios definidos para a avaliação em cada escola e cada grupo de EF poderão e deverão uniformizar o máximo possível os critérios de avaliação, de modo a que esta possa ser a mais justa possível. Para os autores, “a avaliação não é um fim, mas um meio: não serve privilegiadamente um processo eliminador de alunos, é antes uma forma de conseguir que todos os alunos atinjam os objetivos da escolaridade básica”. Ferreira e Santos (2000).

De seguida será feita uma análise às três funções de avaliação realizadas nas aulas de EF, comparando as diferentes avaliações em função do seu papel durante o ano letivo.

**4.4.1 Avaliação Inicial**

É importante que a avaliação inicial permita detetar dificuldades, criar condições de desbloqueio, estimular a progressão da aprendizagem nos alunos.

Para Rosado (1999), “a avaliação diagnóstica é a modalidade de avaliação que averigua se os alunos possuem os conhecimentos e aptidões para poderem iniciar novas aprendizagens. Permite identificar problemas, no início de novas aprendizagens, servindo de base para decisões posteriores, através de uma adequação do ensino às características dos alunos”.

A avaliação inicial foi realizada na sua quase totalidade pelos professores orientadores de escola, professores titulares da disciplina, que no início do ano letivo começaram a lecionação de aulas sem a presença dos professores estagiários. Segundo Rosado (1999), “o Protocolo de avaliação é um conjunto de procedimentos que se uniformizam para proceder à avaliação. Os níveis de uniformização podem apresentar alguma variabilidade, desde uma avaliação standartizada e aferida até acordos entre professores no âmbito das equipas docentes”.

Através do protocolo de avaliação da cada escola, os critérios de avaliação foram definidos e os conteúdos foram avaliados através de fichas de avaliação para cada matéria. Através da classificação dos conteúdos, estas fichas de avaliação agruparam os alunos em níveis de aprendizagem por cada matéria. Esses níveis de avaliação estão definidos no P.N.E.F. do 3º Ciclo do Ensino Básico (2001), como: não atinge nível introdutório (NI); nível introdutório (I); nível elementar €; nível avançado (A). De acordo com a avaliação inicial efetuada na turma do 11º ano, foram criados alguns subníveis que permitiram a correta colocação dos alunos, conforme possuíssem parte do nível introdutório (I-) ou parte do nível elementar (I/E), (anexo 3). Todos os alunos que faltaram durante a realização da avaliação inicial a uma ou mais matérias, tiveram a possibilidade de realizar a avaliação numa outra aula, desde que não perturbasse o funcionamento da mesma, ainda assim os alunos que não conseguiram efetuar a avaliação em alguma matéria foram classificados como: não fez avaliação (NFA).

A avaliação inicial foi a primeira etapa a ser executada durante o ano letivo, esta teve a duração de 6 a 8 semanas, para que se pudesse avaliar com segurança todas as matérias previstas. No 6º ano, em que foi utilizado um modelo de planeamento de base misto, a avaliação inicial também foi realizada na sua totalidade no início do ano (quadro 3) e não no início de cada bloco como prevê o modelo por ciclos de atividades. Nesta avaliação diagnóstica, apenas a área das atividades físicas foi avaliada, as outras duas grandes áreas, aptidão física e conhecimentos, não foram objeto de avaliação inicial, sendo no entanto também trabalhadas durante as aulas.

**4.4.2 Avaliação Formativa**

A avaliação formativa é a mais importante forma de avaliação, esta desempenha um papel fundamental na perceção do domínio dos conteúdos por parte dos alunos ao longo do ano. O registo sistemático das avaliações dos alunos permite ter uma visão diferente dos conteúdos que os alunos dominam e perceber se a introdução de novos conteúdos será apropriada. Esta avaliação, é assim importante para avaliar o nível global dos alunos e da turma, permitindo uma adequação dos conteúdos e ajustamento dos planeamentos de etapa ao longo do ano.

Para Ferreira e Santos (2000), “ a avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, sendo um elemento regulador da prática educativa com caráter sistemático e continuo”, os autores referem que esta avaliação deverá permitir: “Estabelecer metas intermédias que favoreçam a confiança própria na prossecução do sucesso educativo; Adotar novas metodologias e medidas educativas de apoio ou de adaptação curricular, sempre que sejam detetadas dificuldades ou desajustamentos no processo de ensino e de aprendizagem”. Os mesmos autores dizem ainda que, “Esta avaliação formativa permite ao aluno ir tomando conta das suas aprendizagens, ao mesmo tempo que melhor se compreende e, portanto, a não ter receio do ato de avaliação”. Assim, “A riqueza desta avaliação contínua é situar cada aluno no currículo e favorecer uma deteção precoce das dificuldades ou das potencialidades de cada um, permitindo, por um lado, um ensino individualizado e por outro, não deixar alargar demasiado o leque das diferenças de saber entre os alunos*”*. Ferreira e Santos (2000).

Na intervenção efetuada nas turmas do 6º e 11º ano, o registo de informação foi sistemático, registando o domínio dos conteúdos abordados pelos alunos durante as aulas, para que pudesse controlar os conteúdos já adquiridos e regular o processo de ensino e aprendizagem. Este registo foi mais demarcado na turma do 11º ano, visto que o trabalho de planeamento por etapas permitia a avaliação dos momentos de aprendizagem ao longo do ano, por estes serem mais espaçados. Já no caso do 6º ano, o modelo de planeamento misto, mas mais virado para os blocos, concentrou mais a aprendizagem das matérias por períodos, o que significou o registo formativo das matérias durante apenas um período na maior parte das matérias, bem como a avaliação final ou sumativa de cada matéria. Foram criadas fichas de avaliação formativa nas diferentes matérias (anexo 5), sendo preenchidas durante as aulas, em momentos de avaliação não formal, assim os alunos não foram informados diretamente que estariam a ser avaliados, no entanto, tinham a noção de que o estavam a ser, comportando-se ainda assim de forma natural ao realizar os exercícios sem pressão. Sendo a observação uma das armas mais fortes que o professor dispõe, em muitas ocasiões as fichas de avaliação formativa não foram preenchidas durante a aula, mas sim logo após o término da mesma, dando mais tempo para que pudesse transmitir feedback aos alunos, bem como estar atento a situações de organização, gestão da aula e comportamentos dos alunos durante a aula. As observações efetuadas foram refletidas nas fichas de avaliação de modo igual às avaliações sumativas, no entanto sem caráter formal. Foram dados níveis aos alunos de acordo com a realização dos conteúdos programados, numa avaliação criterial, assim, como se pode ver no anexo 5, os alunos foram classificados, numa aula politemática, nos conteúdos de salto em altura, cambalhota à frente de pernas afastadas, pino seguido de cambalhota e roda, como: não realiza (NR); realiza com dificuldade (RD) e realiza (3,4 ou 5), conforme o domínio dos conteúdos.

**4.4.3 Avaliação Sumativa**

A avaliação sumativa pode-se definir como o momento oficial de classificação das aprendizagens dos alunos durante as aulas e durante o ano. Segundo Rosado (1999) a Avaliação sumativa traduz-se num juízo globalizante sobre o desenvolvimento dos conhecimentos e competências, capacidades e atitudes dos alunos, tendo lugar, ordinariamente, no final de cada período letivo, no final de cada ano e de cada ciclo de ensino, podendo, também, ter lugar no final de uma ou várias unidades temáticas que interessa avaliar globalmente.

Em ambos os modelos de planeamento, blocos e etapas, existem momentos próprios de avaliação dos conteúdos e aprendizagens adquiridas, que estão definidos conforme o planeamento da turma. A avaliação final tem em conta as avaliações formativas, registadas ao longo das unidades didáticas e também a avaliação inicial que coloca os alunos em determinado patamar de aprendizagem, no entanto sendo esta uma avaliação formal e final, inclui de forma sustentada as avaliações formativas, para que o processo de avaliação seja contínuo. Nesta avaliação os alunos realizam exercícios e conteúdos que abordaram nas aulas anteriores, contudo cada grupo de nível é avaliado pelos conteúdos que abordou, numa avaliação que dá enfase aos critérios de avaliação. Assim um aluno de nível introdutório apenas foi avaliado nos conteúdos que abordou no seu nível de aprendizagem, diferindo do aluno de nível elementar que é avaliado nos conteúdos que aprendeu no seu nível.

Como já referido, a disciplina de EF é avaliada em 3 grandes áreas, atividades físicas, aptidão física e área dos conhecimentos. Ao longo dos 3 períodos foram avaliadas as 3 áreas de avaliação. A área das atividades físicas é, com naturalidade, aquela que tem maior peso na avaliação final, logo é também a área com critérios mais exigentes.

Relativamente à área da aptidão física, esta foi trabalhada durante as aulas e avaliada através da bateria de testes do Fitnessgram, com cada escola a ter as suas especificidades na aplicação dos testes. Na EBCV os testes avaliados foram apenas o vai e vem e o teste dos abdominais, enquanto na ESAG os testes avaliados foram o vai vem, o senta e alcança, o teste da extensão de braços, o teste dos abdominais, extensão de tronco e flexibilidade de ombros. Na segunda escola os alunos tinham de ter todos os testes positivos para obter nota positiva nesta área e todos os alunos sabiam os valores que tinham de ter para obter classificação positiva em cada teste antecipadamente. Tendo em vista a componente da educação física ligada a saúde, foram também efetuadas as medições de altura e peso dos alunos e em diferentes períodos foi efetuada a medição do índice de massa corporal dos alunos.

Na área dos conhecimentos, que aborda as matérias teóricas na disciplina, a avaliação também foi diferente em cada escola, embora o número de aulas atribuídas nesta área, fosse limitada em ambas. Na EBCV foi lecionada uma aula teórica por período, seguida de um teste teórico, onde os alunos provaram os seus conhecimentos teóricos na disciplina de EF. Na ESAG também existiu uma aula teórica por período, onde foram lecionados os conteúdos previstos para esse período e para esse ano de escolaridade. Na aula, foram explicados os conceitos dos temas abordados e no final os alunos foram divididos em grupos para realizar um trabalho de investigação relacionado com o tema da aula.

No final de cada período, foi efetuada uma autoavaliação em que cada aluno pediu a nota que pensou ser mais justa, após conversa com o professor para que tomasse consciência do trabalho efetuado ao longo do período, assim o aluno pode verificar os seus pontos mais fracos e que deveria trabalhar mais e os seus pontos mais fortes.

Relativamente à área das atividades físicas, os critérios de avaliação também diferiram em cada escola, na EBCV os alunos foram avaliados em todas as matérias que abordaram ao longo do ano, contando as matérias abordadas por período para a avaliação final desse período, no entanto o 1º e 2º período tiveram importância no período seguinte e logo na avaliação final de ano, contando 20 % da nota final. Já na ESAG os alunos abordaram todas as matérias que foram escolha dos mesmos no início do ano, tal como já referido, no entanto, apenas foram avaliados nas 6 matérias que escolheram, 2 matérias de desportos coletivos, 1 matérias entre ginástica e atletismo, 1 matéria de dança e 2 matérias alternativas. O nível dos alunos após avaliação inicial, definiu qual o patamar em que os alunos se encontravam e qual o patamar que poderiam alcançar, sendo dentro destes patamares e em conjunto com as avaliações das áreas da aptidão física e dos conhecimentos que os alunos obtiveram a sua nota final em cada período, numa avaliação contínua e longitudinal. Os conceitos de valores e a participação na aula, comportamentos e empenhamento estavam inseridos na parte das atividades físicas na turma de secundário, enquanto na turma de 6º ano estas foram avaliadas aparte das restantes áreas de avaliação, valendo 10% da classificação final. No 1º e 3º ciclo de escolaridade, as turmas em que existiu intervenção, não foram efetuadas avaliações, pela curta intervenção efetuada.

1. **Dimensão de Participação da Escola e Relação com a Comunidade**

A Dimensão relativa à participação na escola e relação com a comunidade diz respeito ao desenvolvimento de competências e relações com a instituição escolar, visando a criação e dinamização de atividades de complemento curricular que estejam associados à escola e captem a atenção dos alunos e comunidade escolar para a participação nessas atividades. Nesta dimensão também se insere a ajuda na organização e envolvimento em atividades escolares, em especial do grupo de EF, já calendarizadas antes da intervenção dos professores estagiários na escola. As atividades desenvolvidas em cada escola tiveram como base o núcleo de estágio, sendo depois distribuídas funções pelos professores estagiários na organização das atividades.

Existiram assim dois tipos de atividades onde o núcleo de estágio se inseriu, as atividades organizadas apenas pelo núcleo de estágio e as atividades organizadas pelo grupo de EF, as primeiras tiveram o cariz de ser organizadas para a comunidade escolar, não só os alunos mas também professores, funcionários, pais e todos os envolvidos na comunidade puderam participar.

No início da PES, logo, no início da intervenção nas escolas, o Plano Anual de Atividades já se encontrava definido. Assim, graças à abertura por parte de orientadores, grupo de EF e direções de escola, foi possível inserir atividades a meio do ano escolar. Esta situação foi no entanto diferente em cada escola. Assim na EBCV foi relativamente fácil de encaixar uma atividade promovida pelo núcleo de estágio, enquanto na ESAG se revelou algo mais difícil de executar, isto pelo planeamento já agendado e pela demora na resposta das entidades da escola às solicitações efetuadas para realizar uma das atividades, no entanto, graças à boa vontade das mesmas entidades, as atividades dos núcleos de estágio foram possíveis de realizar. No meu caso, uma das atividades teve de ser organizada com relativamente pouco tempo de antecedência.

Quanto às atividades já planeadas pelo grupo de EF, a participação foi feita voluntariamente ou com solicitação do professor orientador para as mesmas quando foi necessária a ajuda dos professores estagiários. Entendo que a minha participação nas atividades se revelou bastante importante, na ajuda e acompanhamento das mesmas, em especial na EBCV, onde o grupo de EF era mais pequeno e necessitava de mais recursos humanos, mas também na ESAG em que sempre que necessário a minha presença se tornou útil.

As atividades organizadas pelos núcleos de estágio em que me inseri serão naturalmente alvo de uma maior atenção neste capítulo, visto serem estas que mobilizaram uma maior atenção e organização e por serem da exclusiva responsabilidade dos núcleos de estágio, mas também as atividades da responsabilidade do grupo de EF em que participei serão referidas.

**Atividade “Passeio de BTT”**

A atividade “Passeio de BTT” surge no âmbito da Dimensão de Participação da Escola e Relação com a Comunidade, inserida do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, tendo como professor orientador da atividade o Professor Sérgio Magalhães e sendo feito em conjunto com o colega de estágio Pedro Safara na EBCV.

O objetivo desta atividade foi juntar a comunidade escolar para uma manhã de prática de exercício físico aliado ao lazer, no dia 8 de abril de 2011. A promoção de atividade física junto da população escolar teve como objetivo alertar para as vantagens do exercício físico, dando origem a estilos de vida saudáveis, mesmo partilhados entre diferentes gerações, pais e filhos a pedalar na mesma direção, a de uma vida mais saudável. Programas de atividade física, de caráter predominantemente aeróbio e resistência muscular, proporcionam uma série de adaptações fisiológicas, psíquicas e sociais, que garantem numerosos efeitos benéficos para a saúde, entre eles, melhorias na capacidade cardiorespiratória, diminuição de gordura, aumento da densidade mineral óssea e promoção do gosto pelo desporto.

O percurso do passeio foi definido na zona circundante à escola e teve uma distância total de 15 quilómetros, começando na ecopista, que passa mesmo ao lado da escola, seguindo pela mesma uma boa parte do percurso, o que tornou o passeio bem mais seguro, visto não existir a circulação de carros na ecopista. A divulgação foi feita através de panfletos distribuídos pela escola e a participação de alunos, funcionários, professores e pais no passeio e ao mesmo tempo convívio através da prática de uma modalidade em ascensão, o BTT, foi um sucesso e pareceu ser a melhor maneira de passar uma manhã solarenga. A aderência a esta atividade foi enorme, com um total de 80 inscrições e como já referido, não só os alunos participaram, mas também elementos de toda a comunidade escolar.

Foi feita uma avaliação da atividade, através da distribuição e preenchimento de fichas de avaliação da atividade, cujos resultados estão expressos nas tabelas seguintes:

Organização

Gráfico 1: Parâmetro de avaliação da organização.

Passeio de BTT

Gráfico 2: Parâmetros de avaliação, relativamente, ao passeio de “BTT”.

**Atividade “Masterclasse Body Combat/Work Forfit”**

A atividade “Masterclasse”, realizada na ESAG, teve como professor orientador do evento o Professor Emanuel Silveira, sendo realizada no dia 8 de junho de 2011.

Segundo Garber, C. *et al* (2011), “a atividade física e exercícios regulares são associados a vários benefícios para a saúde física e mental em homens e mulheres”. Segundo os autores, “o risco de mortalidade global é adiado pela prática regular de atividade física, o que se passa também nos casos em que um indivíduo aumenta a quantidade de atividade física ao passar de um estilo de vida sedentário ou com níveis insuficientes de atividade física para um estilo de vida que alcança níveis de atividade física recomendados”.

Com base na afirmação, o objetivo deste evento foi o de dar a conhecer à comunidade escolar uma noção das diferentes modalidades realizadas ao nível do Fitness, aproximando o público-alvo desta área do exercício. Uma atividade que atualmente e cada vez mais desperta as atenções das pessoas para a prática de exercício físico, o fitness é nos dias atuais cada vez mais ligado à perspetiva da saúde e estilos de vida saudáveis. Assim os objetivos gerais desta atividade passaram por dar a conhecer aos alunos experiências ao nível do fitness, nas modalidades de Body Combat e Work Forfit, uma modalidade semelhante à localizada. Pretendeu-se assim promover uma atividade que pudesse contribuir para a formação total do indivíduo através da promoção de estilos de vida saudáveis.

Os objetivos específicos desta atividade passaram por:

I – Cooperação entre os colegas, incentivando e apoiando a sua participação nas modalidades, cumprindo as regras de segurança e as regras específicas da atividade;

II – Sensibilização dos elementos da comunidade escolar a participar nesta atividade de maneira a provocar um impacto em relação à promoção de um estilo de vida saudável;

III – Permitir aos alunos o contacto com atividades que não estão inseridas nos programas curriculares de EF;

IV – Dar a entender aos alunos o relevo e a importância da prática de atividades físicas no seu dia a dia;

V – Demonstrar o poder de integração na comunidade que a prática de atividades físicas possuem.

A data escolhida para a atividade teve alguns constrangimentos, pois esta apenas poderia ser realizada num dos dias 7, 8 ou 9 de junho, já no final do terceiro período e apenas da parte da manhã, isto devido a indicação por parte da direção da escola. Assim tomou-se como data o dia 8 por ser o dia em que a turma do 11º CT2, turma orientada por mim durante o ano, tinha aula no pavilhão, bem como por ser o dia em que poderia existir mais adesão à atividade por parte dos alunos, em especial das turmas com aulas de EF no mesmo horário, pois tal como previsto, foram estes os alunos mais aderentes a esta atividade. Deve ser referido que a data ficou marcada depois de alguns contratempos, nomeadamente a demora na chegada da autorização para a atividade se realizar por parte da direção da escola, como foi explicado anteriormente.

A atividade decorreu da melhor maneira, os alunos gostaram das atividades propostas e foram assimilados por modalidades que alguns nunca tinham experimentado. Ainda assim existiu pouca adesão à atividade, devido a alguns fatores que passaram pelo facto de os alunos se encontrarem já em testes e exames, existirem outras atividades a decorrer nessa semana, ser final de período e logo alguns alunos já não terem aulas, ser uma aula de autoavaliação mesmo para as turmas que iriam ter aulas a essa hora.

A atividade passou primeiro pelo Body Combat, depois pela modalidade de Work Forfit, regressou ao Body Combat e no final existiu um momento de regresso à calma com música mais suave e que ajudou na recuperação dos participantes. No final, todos os alunos ficaram satisfeitos, sublinhando o facto de se poder efetuar este tipo de atividades mais vezes durante o ano na escola.

**Atividades dos Grupos de EF**

Como já referido para além das atividades realizadas pelos núcleos de estágio, outras atividades existiram, organizadas pelos grupos de EF de cada escola ou da responsabilidade desses mesmos grupos, que contaram com a ajuda dos estagiários para as tarefas necessárias e que serviram também para uma adaptação e envolvimento maior dentro do grupo. As atividades serão referidas de seguida por escola.

*Escola Básica Conde de Vilalva*

- Pentatlo;

- Corta-mato Distrital, realizado em Borba;

- Torneio Regional de Badminton, realizado na EBCV;

- Atividade “Megas”;

- Campeonatos Regionais de Desporto Escolar, realizados na EBCV.

- Torneio de basquetebol da escola

*Escola Secundária André de Gouveia*

- Mega Sprint;

- Ação de Formação sobre TAG - Râguebi, realizado na ESAG;

- Semana da Juventude, com participação de várias escolas portuguesas e espanholas nos torneios da escola, realizado na ESAG.

1. **Dimensão do Desenvolvimento Profissional ao Longo da Vida**

Segundo Alarcão (2001), “todo o professor verdadeiramente merecedor deste nome é, no seu fundo, um investigador e a sua investigação tem íntima relação com a sua função de professor”. Para a autora, “formar para ser professor investigador implica desenvolver competências para investigar na, sobre e para a ação educativa e para partilhar resultados e processos com os outros, nomeadamente com os colegas”. Assim, a autora diz que: “A procura da qualidade não se faz sem investigação e sem desenvolvimento profissional e institucional”.

O estágio realizado através da PES teve como ponto de partida o desenvolvimento e formação profissional, para que no futuro me pudesse encontrar não só habilitado profissionalmente à prática do ensino de EF mas também dotado das ferramentas necessárias para o fazer com sucesso. Através de referências, experiências e competências assimiladas com ajuda dos orientadores de estágio, foram retiradas o maior número de elações para que de futuro se realizem boas práticas pedagógicas. Claro que neste processo de ensino aprendizagem nem sempre as melhores práticas foram aplicadas, afinal o ano de estágio servirá para isso mesmo, deixar as boas práticas e “varrer” as más práticas do ensino. Assim o melhorar das práticas de ensino ao longo do ano letivo serviu por si só de desenvolvimento profissional, que tal como já referido, será para a vida. O planeamento, lecionação, condução e avaliação das aulas foi melhorado, por outras palavras, posso dizer que melhorei em todos os aspetos, tanto em termos de lecionação de aulas como na interação num grupo de pares, o grupo de EF e o grupo de professores da escola.

Uma das dificuldades sentidas ao longo do ano letivo, foi precisamente a prática de comportamentos negativos por parte de uma das turmas em especial. Estratégias e regras ajudaram a combater o mau comportamentos dos alunos, ainda assim, um outro fator também ajudou, um estudo efetuado, que surgiu no âmbito da Dimensão do desenvolvimento profissional ao longo da vida, um estudo realizado juntamente com o colega do núcleo de estágio Pedro Safara e com os colegas de outro núcleo de estágio da EBCV, Isabel Martins e João Viegas. Este trabalho de Investigação-Ação de título “Perceção e estratégias a adotar sobre a indisciplina nas aulas de Educação Física no 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico” teve como orientadores de estudo a Professora Orientadora Clarinda Pomar e o Professor Orientador António Monteiro.

Segundo Santos *et al* (2008), atualmente, um dos problemas que mais aflige os professores é a indisciplina dos alunos, uma vez que, ultimamente, têm aumentado os casos de agressão, violência, roubo e desrespeito para com os mesmos. Embora seja constantemente mencionada, atingindo, às vezes, níveis alarmantes, a indisciplina no sistema escola não possui um diagnóstico simples e as propostas de solução estão longe de serem alcançadas. Ainda segundo o mesmo autor, para os professores de EF (novos e mais experientes) é imprescindível que exista disciplina durante a aula, esta não tem de ser sempre rígida, no entanto deve prevalecer durante a aula e em certos momentos de uma maneira maior.

È com base nestas temáticas que o estudo de investigação-ação foi realizado. O objetivo desta investigação foi o estudo dos comportamentos de indisciplina nas aulas de EF, bem como as estratégias pedagógicas a adotar por parte dos professores para combater essa indisciplina. O estudo de natureza qualitativa e descritiva procurou registar, descrever, analisar e interpretar a perceção de professores comprovadamente com mais experiência, do 2º e 3º ciclo da EBCV, que foram entrevistados, numa entrevista semiestruturada, gravada em áudio e posteriormente transcrita. A entrevista utilizada, já existente, foi anteriormente realizada e validada aquando da tese de doutoramento de Maria Teresa Guardado Mateus Oliveira, “A Indisciplina em aulas de Educação Física: Estudo das crenças e procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico”. Foi também analisado o comportamento de 4 turmas, duas do 6º ano e duas do 9º ano da EBCV, pré e pós estratégias de intervenção recolhidas para combater a indisciplina, num total de 8 filmagens. Após as primeiras filmagens, foram caracterizados os atos de indisciplina que ocorreram, com a finalidade de analisar e refletir sobre as estratégias de gestão e organização da aula que pudessem prevenir a ocorrência desses comportamentos, bem como analisar e refletir sobre o comportamento do professor estagiário após ocorrência desses comportamentos. Após análise das entrevistas e com base na autoscopia, foi delineado um plano de formação que permitiu implementar e desenvolver estratégias para superação das dificuldades sentidas para prevenir a indisciplina, só depois foi filmada a segunda aula, já com implementação das estratégias.

A investigação iniciou-se em janeiro de 2011, com a formulação do problema, pedidos de autorização para filmagem na escola, adaptação do instrumento de pesquisa, revisão bibliográfica e decisão das metodologias a adotar, prosseguindo até junho, altura em que a investigação foi concluída com a apresentação de resultados. Nas conclusões gerais desta investigação, pode-se referir que os procedimentos utilizados no estudo foram eficazes e foi possível alcançar os objetivos. A reunião de informação proveniente das entrevistas juntamente com uma revisão bibliográfica do tema possibilitou uma recolha e posterior aplicação de estratégias pedagógicas mais completas na prevenção da indisciplina. As estratégias pedagógicas que integraram o plano de formação, revelaram-se como inibidoras de comportamento de indisciplina, em especial para profissionais em início de carreira e sem muita experiência, devendo estas estratégias ser aplicadas ao longo da vida. Através da comparação de resultados obtidos no 2º e 3º ciclo, foi possível comprovar que os comportamentos dos alunos quando confrontados com situações de indisciplina semelhantes assumiram características diferentes, verificando-se ainda menos comportamentos de indisciplina no 3º ciclo. Por último, pôde-se afirmar que os indicadores retirados das entrevistas coincidiram e complementaram a informação retirada das referências bibliográficas.

1. **Conclusão**

A participação na PES foi um ano de mudanças estruturantes para a vida, uma experiência enriquecedora a todos os níveis, pessoal e profissionalmente existiu uma evolução positiva que serve de alavanca para o futuro. Os aspetos negativos foram minorados e os aspetos positivos sobressaíram. Este relatório procurou resumir os aspetos mais pertinentes, vivenciados durante o ano letivo na PES, ainda que o conjunto de trabalho efetuado teve uma dimensão bem superior, abrangendo uma grande parte do tempo durante o estágio. A intervenção efetuada em instituições escolares diferentes possibilitou desde logo não só a experiência com diferentes ciclos de ensino, mas também a possibilidade de contactar com realidades escolares distintas. Assim teve de existir uma adaptação aos conteúdos e às turmas, o que pressupõe aprendizagem como agente de ensino.

Para Ferreira e Santos (2000): “O aprender a ser professor mantém uma relação real e simbólica com a forma como este representa o aluno enquanto agente de aprendizagem, assim como o aprender a ser aluno interfere na relação que se estabelece com o professor enquanto orientador de aprendizagens*”.* Os autores referem que: “Ao conceptualizar a tarefa de ser professor como «aprender a ensinar» está inerente a convicção de que ensinar mais do que uma arte é uma ciência, ou seja, é possível ensinar a ser professor. A vantagem desta perspetiva é introduzir o rigor do método científico na análise do ato pedagógico e, ao mesmo tempo, reenviar para um referencial teórico, securizador das intervenções educativas”*.*

Ainda segundo os autores: “o professor traz para a sala conhecimentos científicos prévios que são reativados na reflexão sobre a prática, produzindo, desse modo, novos conhecimentos”.

Através das citações dos autores, pode-se afirmar que é possível aprender a ser professor, os professores não nascem mas são ensinados a ser agentes de ensino, num processo em que são alunos em construção para ser professores, um processo de ensino e aprendizagem. Através de um trabalho metódico, com bases em métodos científicos na análise do trabalho efetuado, é assim possível preparar para ser professor e produzir conhecimento e experiência para o futuro como agente de ensino. Na minha perspetiva e segundo o ano de experiência ganho, um professor é muito mais do que um agente de ensino, é um educador que dá modelos para a vida e cria sentimentos junto dos seus discentes, sendo também um gestor de recursos humanos, materiais e dos aspetos que rodeiam a prática educativa. A capacidade que o professor apresenta, para lidar com todos os aspetos ligados às aulas e às situações que das mesmas podem convergir, é outro fator fundamental para o sucesso das aulas, ainda que este seja um fator que em muito advém da experiência, é possível controlar antecipadamente muitas das situações, refletindo e organizando todos os aspetos da aula. Será preciso saber agir para antecipar o reagir.

Nos aspetos ligados à planificação, condução e análise das aulas, o clima positivo das aulas permitiu aprendizagens bastante favoráveis para os alunos, no entanto a turma de 2º ciclo, ao apresentar um comportamento mais indisciplinado, limitou por vezes o avançar dos conteúdos, sendo este um dos maiores problemas com que me deparei ao longo do ano. A utilização de estratégias e rotinas vincadas, ajudou a combater a indisciplina, não só nesta turma mas nas restantes turmas em que existiu intervenção.

O planeamento efetuado para as turmas acompanhadas ao longo do ano, 6º ano e 11º ano, divergiu nos seus modelos de intervenção. Para o 11º ano o modelo de planeamento por etapas, sendo o modelo em expansão, mais virado para as aprendizagens e não para os conteúdos, pareceu ser o modelo correto para que os alunos pudessem evoluir nas aprendizagens. O modelo de planeamento por blocos, mais tradicional e mais virado para o ensino dos conteúdos e não para as aprendizagens dos alunos, tem no entanto algumas virtudes, como permitir um maior controle da turma e trabalhar com alunos que não possuem um certo grau de independência, assim mostrou-se o modelo mais adequado para trabalhar com a turma do 6º ano, embora o planeamento fosse considerado misto dos dois tipos de planeamento.

O contexto escolar, das turmas e dos alunos que se inserem no processo de ensino e aprendizagem, determinam o modo de lecionação das aulas, devendo ser conhecidos antes do começo da lecionação de aulas, de modo a preparar da melhor maneira o ano letivo. A avaliação inicial e o posterior agrupamento em níveis, permitem a individualização do ensino e uma progressão maior a todos os alunos.

A avaliação deve ser objetiva dentro da subjetividade que está ligada ao processo avaliativo, deve ser rigorosa e seguir os critérios definidos para uma avaliação justa longitudinal e contínua.

Para finalizar, gostaria de destacar a intervenção que efetuei na PES como uma experiência enriquecedora, que permitiu verdadeiramente a passagem por um vasto leque de aprendizagens que me vão permitir ser um agente de ensino melhor do que no início da PES. Existiram erros durante o ano, falhas que foram detetadas, colmatadas e até certo ponto posso dizer que felizmente existiram, pois só encontrando essas falhas, no princípio do processo de transmissão de ensinamentos, é que se podem corrigir e eliminar para que no futuro apenas as boas práticas prevaleçam. Os aspetos positivos foram ainda assim superiores e mostraram que um professor, com maior ou menor aptidão para o processo de ensino e aprendizagem, pode ser fabricado e melhorado com o passar do tempo.

1. **Bibliografia**

* Alarcão, I. (2001). *Professor-Investigador: Que sentido? Que formação? In B. Campos (org) (21-30). Formação Profissional de Professores no Ensino Superior*. Cadernos de Formação de Professores. Porto: Porto Editora.
* Carreiro da Costa, F. (1998). *Condições e fatores de ensino-aprendizagem e condutas motoras significativas: uma análise a partir da investigação realizada em Portugal.* Edições Universidade da Corunha. Extraído de <http://hdl.handle.net/2183/9790> em 22/01/2012.
* Departamento da Educação Básica, Ministério da Educação (1998). *Organização Curricular e Programas: Ensino Básico 1º Ciclo*. Lisboa: Editorial do ME.
* Departamento da Educação Básica, Ministério da Educação (1998). *Programa de Educação Física do 2º ciclo do ensino básico: Plano de organização do ensino-aprendizagem*. Vol.II. Lisboa: Editorial do ME.
* Departamento da Educação Básica, Ministério da Educação (2001). *Programa de Educação Física do 3º ciclo do ensino básico (Reajustamento)*. Lisboa: Editorial do ME.
* Departamento da Educação Básica, Ministério da Educação (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico: Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Editorial do ME.
* Departamento do Ensino Secundário, Ministério da Educação (2001). *Programa de Educação Física 10º, 11º, 12º Anos*. Lisboa: Editorial do ME.
* Departamento de Pedagogia e Educação (2010). *Guião para elaboração do relatório correspondente à unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada.* Universidade de Évora. Documento não publicado.
* Decreto-Lei nº43/2007 de 22 de fevereiro, 43 C.F.R. (2007).
* Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de agosto, 240/2001 C.F.R. (2001).
* Ferreira, M., & Santos, M. (2000). *Aprender a Ensinar, Ensinar a Aprender*. Porto: Edições Afrontamento.
* Garber, C. *et al* (2011). *Quantidade e Qualidade de Exercício para desenvolver e manter a aptidão cardiorrespiratória, músculo-esquelético e neuromotor em adultos aparentemente saudáveis: Orientação para prescrição de exercícios*. *Medicine & Science in Sports & Exercise*. Volume 43, Edição 7 – pp 1334-1359. Extraido de [http://journals.lww.com/acsm-msse/Fulltext/2011/07000/Quantity\_and\_Quality\_of\_Exercise\_for\_Developing.26.aspx em 10/03/2012](http://journals.lww.com/acsm-msse/Fulltext/2011/07000/Quantity_and_Quality_of_Exercise_for_Developing.26.aspx%20em%2010/03/2012).
* Oliveira, M. (2001). *A Indisciplina em aulas de Educação Física: Estudo das crenças e procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico.* Tese de Doutoramento. Porto: FCDEF-UP.
* Pomar, C. (2010). *Avaliação em Educação Física, Documentação de Apoio às Aulas de Didática de Educação Física (não publicado)* – Mestrado em Ensino da EF nos Ensinos Básico e Secundário, Universidade de Évora.
* Rosado, A. (1999). *Léxico Comentado de Planificação e Avaliação*. Extraído de <http://areas.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/lexico2.htm> em 12/01/2012.
* Rosado, A. (s.d.). *Planeamento da Educação Física: Modelos de Lecionação*. Extraído de <http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021_ficheiros/frame.htm> em 12/01/2012.
* Santos, I. *et al* (2008). *As perceções e os significados para os estagiários de Educação Física em relação à indisciplina na escola*. *Revista Movimento*. Porto Alegre, 14 (3), 117-137.

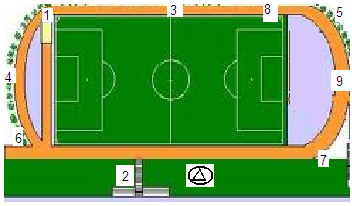
1. **Anexos**

**Anexo 1 – Plano de Aula**

|  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Orientador:** Emanuel Silveira | | | | **Professor:** Carlos Amador | | | |
| **Turma:** 11º C | | | **Aula nº:** 61/62 | | **Data:** 19/01 | **Hora: 10:05** | **Tempo:** 90 |
| **Nº de alunos:** 13 | **Função didática:** Aprendizagem – 2ª Etapa | | | | | **Aula da U.D.:** 37/38 | |
| **Local:** E1 | | **Matérias:** Atletismo, Râguebi, Orientação | | | | | |
| **Objetivo:** Transmissão de conhecimentos. | | | | | | | |
| **Objetivo específico:** Atlet: salto em cumprimento, triplo salto, lançamento do dardo; Râg: passe e apoio, passe, passe cruzado; Orient: montagem de percurso e realização do mesmo. | | | | | | | |
| **Materiais:** Sinalizadores, bolas de râguebi, 2 dardos, 9 balizas, cartões de controlo, mapas. | | | | | | | |

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **T.T** | **T.P** | **Sequência de Tarefas** | **Esquema** | **Critérios de Êxito** | **Materiais** |
| 2’ | 2’ | **Parte Inicial**  Introdução e explicação dos conteúdos e os objetivos da aula, em diálogo com os alunos. Explicação de forma clara dos exercícios a realizar. |  | Ouvir com atenção e interiorizar as informações fornecidas pelo professor. |  |
| 12’  18’ | 10’  6’ | Explicação do exercício  **Aquecimento**  Corrida continua, constante e sem paragens á volta da pista.  Estafeta de râguebi com turma dividida em 2 grupos lado a lado, efetua:  - Corrida com bola nas mãos;  - Passar a bola á volta da cintura;  - Passar a bola á volta das pernas  - Lançar a bola ao ar e agarrar. |  | Atitude ativa no decorrer do aquecimento de forma a otimizar o tempo disponível para efetuar aquecimento | Sinalizadores, bolas de râguebi |
| 20’  26’  32’ | 2’  6’  6’ | Explicação do exercício  **Atletismo**  Turma dividida em 2 grupos, nível introdutório e nível elementar. Grupos executam trabalho por estações. Nível introdutório começa no lançamento do dardo, grupo elementar começa no salto em cumprimento e apenas este grupo realiza triplo salto.  **Nível Introdutório:**  - Lançamento do dardo parado;  - Lançamento do dardo em corrida.  Salto em cumprimento:  - Definição do número de passadas;  - Salto parado para a caixa de areia;  - Salto em cumprimento em corrida  **Nível Elementar:**  - Lançamento do dardo parado;  - Lançamento do dardo em corrida.  - Salto em cumprimento em corrida;  - Triplo Salto (hop, step, jump). |  | Lançamento - Quatro a sete passadas de balançoem aceleração progressiva.  Executa as três passadas finais com os apoios e ritmo corretos, com a mão à retaguarda e o braço em extensão, realizando o último apoio pelo calcanhar da perna contrária.  Salto em cumprimento – 8 a 12 passadas de corrida, impulsão na tábua de chamada, puxar as 2 pernas á frente, inclinar o corpo á frente na receção.  Triplo Salto – corrida de 6 a 10 passadas, impulsão com um pé, salto ao pé-coxinho, salto com o outro pé, receção a 2 pés na caixa de areia. | 2 Dardos, sinalizadores |
| 34’  40’  48’ | 2’  6’  8’ | Explicação do exercício  **Râguebi**  **Passe**  Em quadrado os alunos executam, com 2 bolas por grupo:  - Passe para direita;  - Passe para a esquerda;  - Receção com corrida para o meio do quadrado e passe para a direita, seguindo para a fila da frente.  - Passe cruzado em filas de 3 elementos;  **1x1; 2x1**  Em filas os alunos executam estafetas com objetivo de progressão e finta ao defesa, totalmente passivo:  - Em corrida com bola nas mãos, finta para o lado indicado pelo professor, ida e volta;  - Situação de 2x1 com objetivo de passar pelo defesa, o atacante só passa a bola quando ficar sem opção de finta. O aluno do meio decide para que lado passa a bola, atacando depois com o colega que escolheu, defesa ativo. |  | Agarrar a bola com as 2 mãos, uma mão no meio e a outra na lateral da bola, passe é efetuado para traz ou lado.  Receção é feita com as 2 mãos e com movimento para trás.  Finta – passada para um lado, deslocamento para o lado contrário. | Sinalizadores, bolas de râguebi |
| 50’  72’ | 2’  22’ | Explicação do exercício  **Orientação**  Iniciação á orientação, definições básicas, orientação pelo mapa.  Os alunos efetuam a par um pequeno percurso na área do campo de terra, de modo a seguir os números assinalados no mapa. O mapa terá 3 percursos diferentes |  | Orientação do mapa no espaço, identificar o percurso e os pontos. | 9 balizas, cartões de controlo, mapas. |
| 75’ | 3’ | **Alongamentos e retorno á calma**  Alongamento das pernas e braços, com extensão dos mesmos, com especial atenção nas pernas. |  |  |  |

**Mapa Orientação**



Percurso 1: 1-2-3-4-5-6-7-8-9

Percurso 2: 9-8-7-6-5-4-3-2-1

Percurso 3: 3-6-8-4-9-5-2-1-7

**Anexo 2 – Plano Anual de Turma**

**2ª Etapa - Aprendizagem (25/10/2010 até 31/1/2011)**

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Aula** | **Data** | **Espaço** | **Matéria (s)** | **Objetivos** |
| 25/26 | 25/10 | E2 | Andebol, Futebol e Voleibol | And: Passe, receção, drible, remate, interceção, desmarcação; Fut: Passe, receção, finta, remate, defesa, desmarcação; Vol: passe, manchete, serviço, bloco, remate |
| 27/28 | 27/10 | E2 | Voleibole Basquetebol | Vol: passe, manchete, serviço, bloco, remate; Basq: passe, receção, drible, lançamento, desmarcação |
| 29/30 | 3/11 | P2 | Badminton e Basquetebol | Bad: Deslocamentos, clear, lob, serviço curto e comprido; Basq: passe, receção, drible, lançamento, desmarcação, marcação, interceção. |
| 31/32 | 8/11 | Sala Convívio | Ténis de Mesa | \_ |
| 33/34 | 10/11 | E1 | Atletismo | Aprendizagem de salto em cumprimento, lançamento do peso, estafeta transmissão do testemunho. |
| 35/36 | 15/11 | P1 | Ginástica de Solo e Ginástica de Aparelhos | Aprendizagem de rolamentos, saltos no bock, saltos no minitrampolim, sequência gímnica. |
| 37/38 | 17/11 | P1 | Ginástica de Solo e Ginástica de Aparelhos | Aprendizagem de rolamentos, saltos no bock, saltos no minitrampolim, sequência gímnica. |
| 39/40 | 22/11 | E2 | Futebol e Voleibol | Fut: passe e receção, desmarcação, remate, drible; Voleibol: serviço por baixo, passe, manchete |
| 41/42 | 24/11 | E2 | Greve Geral | - |
| 43/44 | 29/11 | P2 | Andebol, Basquetebol, Futebol | And: passe, receção, drible, desmarcação, remate; Basquetebol: passe, receção, lançamento, ressalto; Fut: passe e receção, desmarcação, remate, defesa. |
| 45/46 | 6/12 | E1 | Aula Teórica: | **Semelhanças e diferenças entre educação física e desporto** |
| 47/48 | 13/12 | P1 | Ginástica, Atletismo, Badminton | Atlet: Salto em altura; Bad: Clear, lob, serviço; Gin: sequência gímnica, bock, trave, minitrampolim. |
| 49/50 | 15/12 | P1 | Badminton, Voleibol | Bad: Clear, lob, serviço; Voleibol: serviço por baixo, passe, manchete; **Autoavaliação** |
| **2º Período** | | | | |
| 51/52 | 3/1 | E2 | Futebol, Basquetebol, Andebol | Fut: remate de cabeça, condução, finta; Basq: fintas, receção, drible; And: remate em suspensão, interceção, mudanças de direção, fintas. |
| 53/54 | 5/1 | E2 | Andebol, Voleibol, Futebol | And: remate em apoio, acompanhamento do jogador com e sem bola; Vol: serviço por cima, passe manchete; Fut: passe e desmarcação, drible, marcação. |
| 55/56 | 10/1 | P2 | Corfebol, Basquetebol, Badminton | Corf: conhecimento das regras, receção, passe de peito, passe de ombro, lançamento; Basq: passe e corte, ressalto, mudanças de direção, lançamento; Bad: clear, lob, drive. |
| 57/58 | 12/1 | P2 | Orientação, Corfebol, Andebol | Orient: percurso a par, orientação do mapa; Corf: lançamento, ressalto, marcação; And: deslocamentos ofensivos e defensivos, desarme, marcação. |
| 59/60 | 17/1 | E1 | Atletismo, Râguebi | Atlet: corrida de barreiras, lançamento do dardo; Râg: avançar, passe direto e cruzado, receção, apoio. |
| 61/62 | 19/1 | E1 | Atletismo, Râguebi, Orientação | Aula não foi lecionada devido ao mau tempo. |
| 63/64 | 24/1 | P1 | Badminton, Andebol | - |
| 65/66 | 26/1 | P1 | Desportos Combate, Ginástica, Atletismo | Desp. Comb: quedas, jogo do desequilíbrio, entradas; Gin: sequência gímnica, cambalhota saltada, roda, rodada, cambalhota á retaguarda com passagem por pino, minitrampolim, bock; Atlet: salto em altura. |
| 67/68 | 31/1 | E2 | Voleibol, Basquetebol, Futebol | Vol: elem. passe alto de costas, intd. Pase, manhete, serviço; Basq:ataque, passe e corte, defesa, marcação individual; Fut: drible, fintas, mudanças de direção, remate, controlo de bola. |

**3ª Etapa – Desenvolvimento (2/2/2011 até 6/4/2011)**

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Aula** | **Data** | **Espaço** | **Matéria (s)** | **Objetivos** |
| 69/70 | 2/2 | E2 | Futebol, Voleibol, Basquetebol | Fut: contra-ataque, finta, remate, defesa; Vol: remate; Basq: enquadramento defensivo, mudanças de direção. |
| 71/72 | 7/2 | P2 | Basquetebol, Badminton | Basq: mudanças de direção entre pernas e por trás das costas, lançamento e ressalto; Bad: amorti. |
| 73/74 | 9/2 | P2 | Futebol, Corfebol, Andebol | Fut: desmarcação após passe, aclarar, enquadramento com bola; Corf: passe e corte; And: ataque organizado. |
| 75/76 | 14/2 | E1 | Badminton, Râguebi | Bad: serviço, deslocamentos, remate; Râg: pontapé de ressalto, pontapé torpedo. |
| 77/78 | 16/2 | E1 | Atletismo, Râguebi | Atlet: lançamento do dardo, corrida de barreiras; Râg: pontapé de ressalto, pontapé torpedo, mudanças de direção. |
| 79/80 | 21/2 | P1 | Atletismo, Ginástica | Atlet: salto em altura; Gin: sequência gímnica, cambalhota á frente saltada, cambalhota á retaguarda com as pernas unidas e estendidas, bock, minitrampolim. |
| 81/82 | 23/2 | P1 | **Ginástica,** Danças L.A./Modernas | Gin: sequência gímnica, cambalhota á frente, pino, roda, trave; Dan. L.A./M: realização e apresentação de coreografia. |
| 83/84 | 28/2 | E2 | Futebol, Voleibol, Andebol | Fut: marcação, finta; Vol: remate com salto; And: ataque e defesa. |
| 85/86 | 2/3 | E2 | **Aula Teórica** | **Aula sobre a Educação Física e Saúde** |
| 87/88 | 14/3 | E1 | Atletismo, Orientação | Atlet: triplo salto, salto em cumprimento, corrida de resistência; Orient: percurso á volta do pavilhão. |
| 89/90 | 16/3 | E1 | Râguebi, Orientação | Râg: repulsão, fintas; Orient: percurso á volta da escola. |
| 91/92 | 21/3 | P1 | Atletismo, Ginástica, D. Combate | Atlet: salto em altura; Gin: sequência gímnica, minitrampolim; Desp. Comb: quedas, imobilizações, saídas das imobilizações. |
| 93/94 | 23/3 | P1 | Badminton, Ginástica, D. Combate | Bad: situação de jogo; Gin: sequencia gímnica, trave, bock ; Desp. Comb: imobilizações, saídas das imobilizações, técnicas de projeção. |
| 95/96 | 28/3 | E2 | Voleibol, Basquetebol, Andebol | Vol: Introd: jogo 2x2, Elem: bloco; Basq: superioridade numérica, ataque; And: Av. Gestos técnicos |
| 97/98 | 30/3 | E2 | Futebol, Corfebol, Voleibol | Fut: Av. gestos técnicos; Corf: marcação; Vol: Av, gestos técnicos |
| 99/100 | 4/4 | P2 | Basquetebol, Corfebol, Danças L.A./Modernas | Semana Olimpica. |
| 101/102 | 6/4 | P2 | Auto - Avaliação | - |

**4ª Etapa – Consolidação (27/4/2011 até 8/6/2011)**

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Aula** | **Data** | **Espaço** | **Matéria (s)** | **Objetivos** |
| 103/104 | 27/4 | E1 | Atletismo, Râguebi | Resposta a Inquérito. |
| 105/106 | 2/5 | P1 | Ginástica, Atletismo, Badminton | Gin: sequência gímnica, trave, bock; Atlet: salto em altura; Bad: situação de jogo |
| 107/108 | 4/5 | P1 | Badminton, D. Combate | Bad: situação de jogo; Desp. Comb: Desp. Comb: quedas, imobilizações, saídas das imobilizações, técnicas de projeção |
| 109/110 | 9/5 | E2 | Futebol, Voleibol, Basquetebol | Visita de Estudo |
| 111/112 | 11/5 | E2 | Aula Teórica | **Educação Física – Aptidão física** |
| 113/114 | 16/5 | P2 | Futebol, Basquetebol, Andebol | Aptidão física – fitness gram |
| 115/116 | 18/5 | P2 | Voleibol, Basquetebol, Corfebol | Teste Intermédio de Matemática |
| 117/118 | 23/5 | E1 | Atletismo, Râguebi, Orientação | Aptidão física – fitness gram: |
| 119/120 | 25/5 | E1 | Atletismo, Râguebi, Orientação | Atlet: triplo salto; Râg: jogo bitoque râguebi; Orient: percurso individual à volta da escola |
| 121/122 | 30/5 | P1 | D. Combate, Badminton | Desp. Comb: Avaliação da Técnica; Bad: Avaliação batimentos |
| 123/124 | 1/6 | P1 | Corfebol, Andebol | Corf: Avaliação de conteúdos; And :avaliação de conteúdos |
| 125/126 | 6/6 | E2 | Voleibol, Futebol, Danças L.A./Modernas | Vol: avaliação de conteúdos, jogo; Fut: avaliação de conteúdos; Dan. L.A./M: realização e apresentação de coreografia por grupos |
| 127/128 | 8/6 | E2 | Autoavaliação | - |

**Anexo 3 - Quadro Resumo de Avaliação Inicial**

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Nº | Nome | Atletismo | Voleibol | Futebol | Basquet. | Andebol | Bad. | Gin. Solo | Gin. Aparelhos |
| 1 |  | **A** | **I+** | **E** | **A** | **E-** | **I+** | **I+** | E |
| 4 |  | **E** | **E-** | **E** | **I+** | **I+** | **I+** | **I** | **E** |
| 5 |  | **E** | **I+** | **E-** | **I+** | **I+** | **I** | **I+** | **E** |
| 8 |  | **E** | **I+** | **E** | **I+** | **E-** | **I+** | **I+** | **E** |
| 9 |  | **I** | **I** | **I** | **I** | **I** | **I-** | **NI** | **I** |
| 10 |  | **I** | **I+** | **I** | **E** | **I** | **I+** | **I** | **E** |
| 12 |  | **I** | **I** | **I-** | **NI** | **I** | **I** | **I-** | **I** |
| 13 |  | **E** | **I+** | **E-** | **E-** | **E** | **I+** | **I-** | **I** |
| 14 |  | **I** | **I** | **NI** | **I** | **I-** | **I-** | **NI** | **I-** |
| 16 |  | **I** | **I-** | **I-** | **I** | **I+** | **I+** | **NFA** | **I-** |
| 19 |  | **I** | **I** | **E-** | **A** | **E** | **I+** | **E** | **E** |
| 20 |  | **E** | **I+** | **E** | **E** | **E** | **E** | **I-** | **E** |
| 21 |  | **NI** | **I-** | **NI** | **NI** | **I-** | **I-** | **I-** | **NI** |

**Legenda: (NFA) –** Não Fez Avaliação; (**NI) –** Não Introdutório; **(I-) –** Introdutório menos; **(I) -** Introdutório; **(I+) –** Introdutório/ Elementar; **(E e E-) –** Elementar; **(A)** – Avançado

**Níveis por Modalidade**

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Níveis/Modalidades | Atletismo | Voleibol | Futebol | Basquetebol | Andebol | Badminton | Gin. Solo | Gin. Aparelhos |
| Não Introdutório | 1 | 0 | 2 | 2 | 0 | 0 | 2 | 1 |
| Introdutório Menos | 0 | 2 | 2 | 0 | 2 | 3 | 4 | 2 |
| Introdutório | 6 | 4 | 2 | 3 | 3 | 2 | 2 | 3 |
| Introdutório/Elementar(I+) | 0 | 6 | 0 | 3 | 3 | 7 | 3 | 0 |
| Elementar | 5 | 1 | 7 | 3 | 5 | 1 | 1 | 7 |
| Avançado | 1 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Não fez Avaliação | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |

**Anexo 4 - Quadro Resumo de Avaliação Final**

**Área das Atividades Físicas**

**Níveis dos Alunos por Matéria**

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Níveis/ Matérias** | **Atletismo** | **Voleibol** | **Futebol** | **Basquetebol** | **Andebol** | **Badminton** | **Gin. Solo** | **Gin. Aparelhos** |
| **NFA** | - | - | - | - | - | - | X | - |
| **NI** | X | - | X  X | X  X | - | - | X  X | X |
| **I\*** | X  X  X  X  X | X  X  X  X  X  X | X  X  X  X | X  X  X | X  X  X  X  X  X | X  X  X  X  X | X  X  X  X  X  X | X  X  X  X  X |
| **I/E** |  | X  X  X  X  X  X | - | X  X  X | X  X | X  X  X  X  X  X  X | X  X  X | - |
| **E** | X  X  X  X  X  X | X | X  X  X  X  X  X  X | X  X  X | X  X  X  X | X | X | X  X  X  X  X  X  X |
| **A** | X | - | **-** | X  X | X | - | - | - |

**Legenda: (NFA) –** Não Fez Avaliação; (**NI) –** Não Introdutório; **(I-) –** Introdutório menos; **(I) -** Introdutório; **(I+) –** Introdutório/ Elementar; **(E e E-) –** Elementar; **(A)** – Avançado; X – Alunos.

**Anexo 5 – Ficha de Avaliação Formativa**

**Ficha de Avaliação Formativa – Salto em altura/Ginástica**

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Competência** | | **Salto em altura** | **Cam. Frente pernas afastadas** | **Pino seguido cambalhota** | **Roda** |
| **Nº T** | **Nome** |  |  |  |  |
| 1 |  | R5 | R4 | R4 | R4 |
| 4 |  | R3 | R4 | R3 | R3 |
| 5 |  | R4 | R3 | R3 | R4 |
| 8 |  | R5 | R4 | R3 | R4 |
| 9 |  | R4 | R3 | R4 | R3 |
| 10 |  | R4 | R3 | R3 | R3 |
| 12 |  | R3 | RD | RD | R3 |
| 13 |  | R4 | R3 | RD | R4 |
| 14 |  | R3 | NR | NR | NR |
| 16 |  | - | - | - | - |
| 19 |  | R5 | R5 | R4 | R4 |
| 20 |  | R5 | R3 | R3 | R3 |
| 21 |  | R3 | NR | NR | NR |

**Legenda: R – Realiza (3;4;5); RD – Realiza com Dificuldade; NR - Não Realiza**